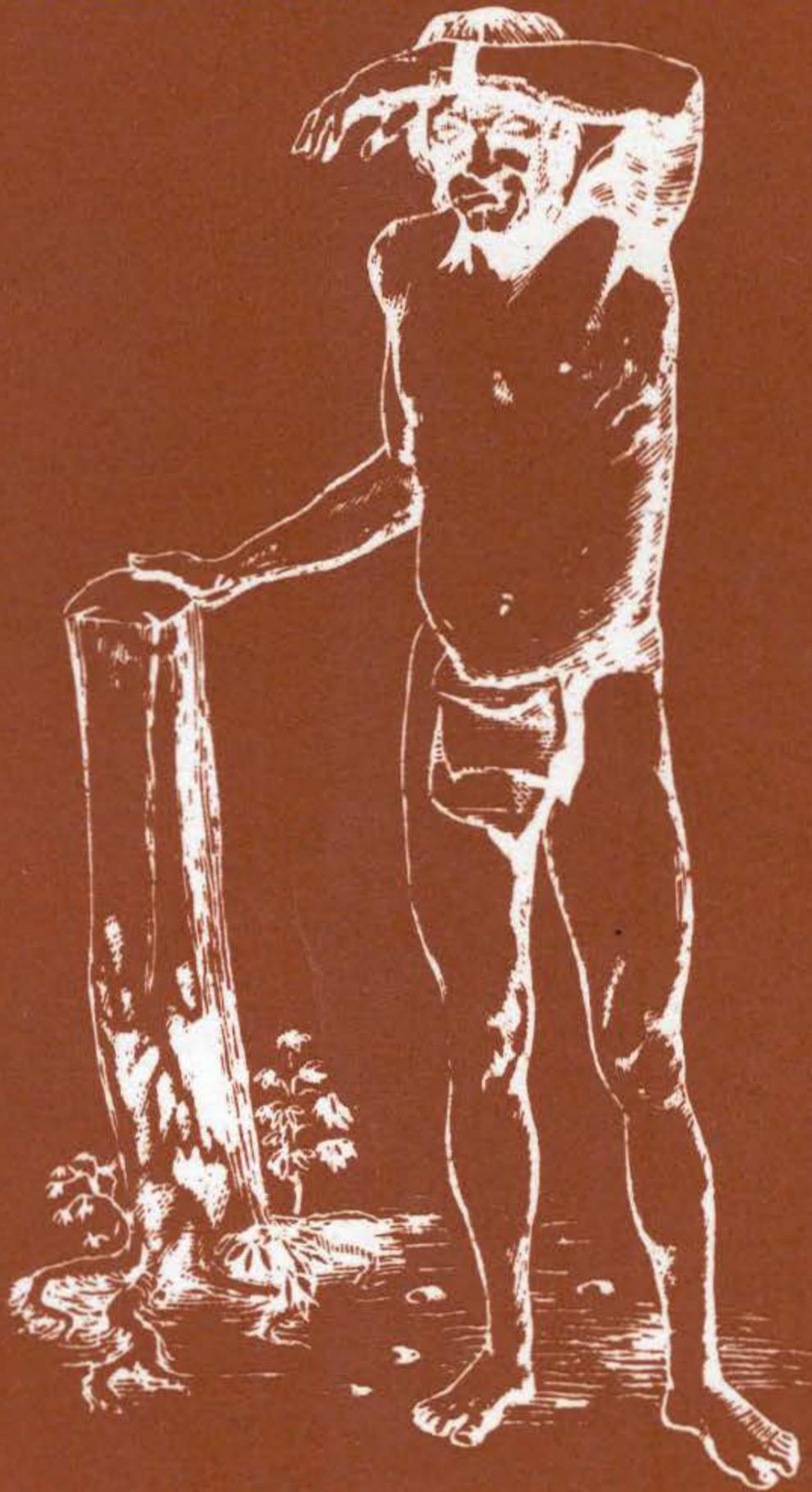


ENTRE T. de A. Lisboa

OS ÍNDIOS MUNKU

A RESISTÊNCIA DE UM POVO



Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai - www.etnolinguistica.org

Amazônia Matogrossense, 1971: o contato respeitoso com 23 índios que ainda usavam o machado de pedra... É a luta por sua sobrevivência física e cultural

EDIÇÕES LOYOLA

OS INDIOS MUNKU A RESISTÊNCIA DE UM POVO

O Autor, padre Thomaz de Aquino Lisboa, pretendia inicialmente chamar este livro de *Missão Calada*. Ao contrário da atração de grupos arredios realizada por outros sertanistas, o trabalho do padre Thomaz foi sempre uma missão calada, paciente, perseverante, sem a preocupação da publicidade, com a consciência de que o contato, sendo um mal necessário, deveria ser, quanto possível, discreto e respeitoso.

Vice-presidente do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — desde 1975, Thomaz Lisboa ajudou a formular e empenhou-se por cumprir as *Linhas de Ação* que esse organismo missionário da CNBB traçou na Primeira Assembleia Missionária Indigenista, realizada em Goiânia, em julho de 1975:

"Dado o momento histórico vivido pelos povos indígenas do Brasil, da expropriação de suas terras, destruição de sua cultura e negação do seu direito de decidir sobre seu futuro, a Igreja Missionária, reunida nesta 1.ª Assembleia Indigenista, reconhecendo sua omissão e conivência com esta situação injusta e anticristã, e consciente tanto de sua co-responsabilidade em relação a estes povos, quanto da sua missão de anunciar o Evangelho, se compromete a seguir estas linhas de Ação e programação:

I — LINHAS DE AÇÃO

TERRA

1. Apoiar decidida e eficazmente, em todos os níveis, o direito que tem os povos indígenas de recuperar e garantir o domínio de sua terra, nos termos do Art. 11 da Convenção 107 da OIT, uma vez que eles são os proprietários originários e parte integrante da mesma terra. Terra apta e suficiente para um crescimento demográfico adequado à sua realidade ecológica e sócio-econômica.

CULTURA

2. Reconhecer, respeitar e apoiar abertamente o direito que têm os povos indígenas de viver segundo sua cultura (Estatuto do Índio, art. 1.º). De modo especial, animar os grupos em processo de desintegração para que revitalizem sua cultura.

AUTODETERMINAÇÃO

3. Procurar por todos os meios devolver aos povos indígenas o direito a serem sujeitos, autores e destinatários de seu crescimento. Reconhecer que, como pessoas e como povo são e devem ser aceitos como adultos,

ENTRE OS ÍNDIOS MÜNKÜ

COLEÇÃO "MISSÃO ABERTA"

1. **ENTRE OS ÍNDIOS MUNKÛ**
Pe. Thomaz de Aquino Lisbôa, S. J.
2. **EDUCAÇÃO INDÍGENA E ALFABETIZAÇÃO**
B. Meliá
etc.

Pe. THOMAZ DE AQUINO LISBÔA, S. J.

ENTRE OS ÍNDIOS MÜNKÜ

A resistência de um povo

Renato Nicolai



EDIÇÕES LOYOLA

SÃO PAULO

1979

Copyright
EDIÇÕES LOYOLA

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Todos os direitos reservados

EDIÇÕES LOYOLA
Rua 1822 n.º 347 — Caixa Postal, 42.335 — Tel.: 63-9695 — São Paulo

IMPRESSO NO BRASIL

A TODAS AS NAÇÕES INDÍGENAS DO BRASIL,
MORTAS E VIVAS, PELO MUITO
QUE DELAS RECEBEMOS.

A MEUS PAIS E IRMÃOS QUE SEMPRE ME APOIARAM
NA MINHA OPÇÃO PELOS ÍNDIOS.

AOS COMPANHEIROS DE LUTA
QUE ME ANIMARAM, COM PALAVRAS E AÇÃO.

A TODOS OS QUE OLHAM PARA AS
NAÇÕES INDÍGENAS COM O DESEJO DE QUE
SOBREVIVAM FÍSICA E CULTURALMENTE,

Ofereço a publicação deste diário de campo.

NOVIDADE DE MISSÃO

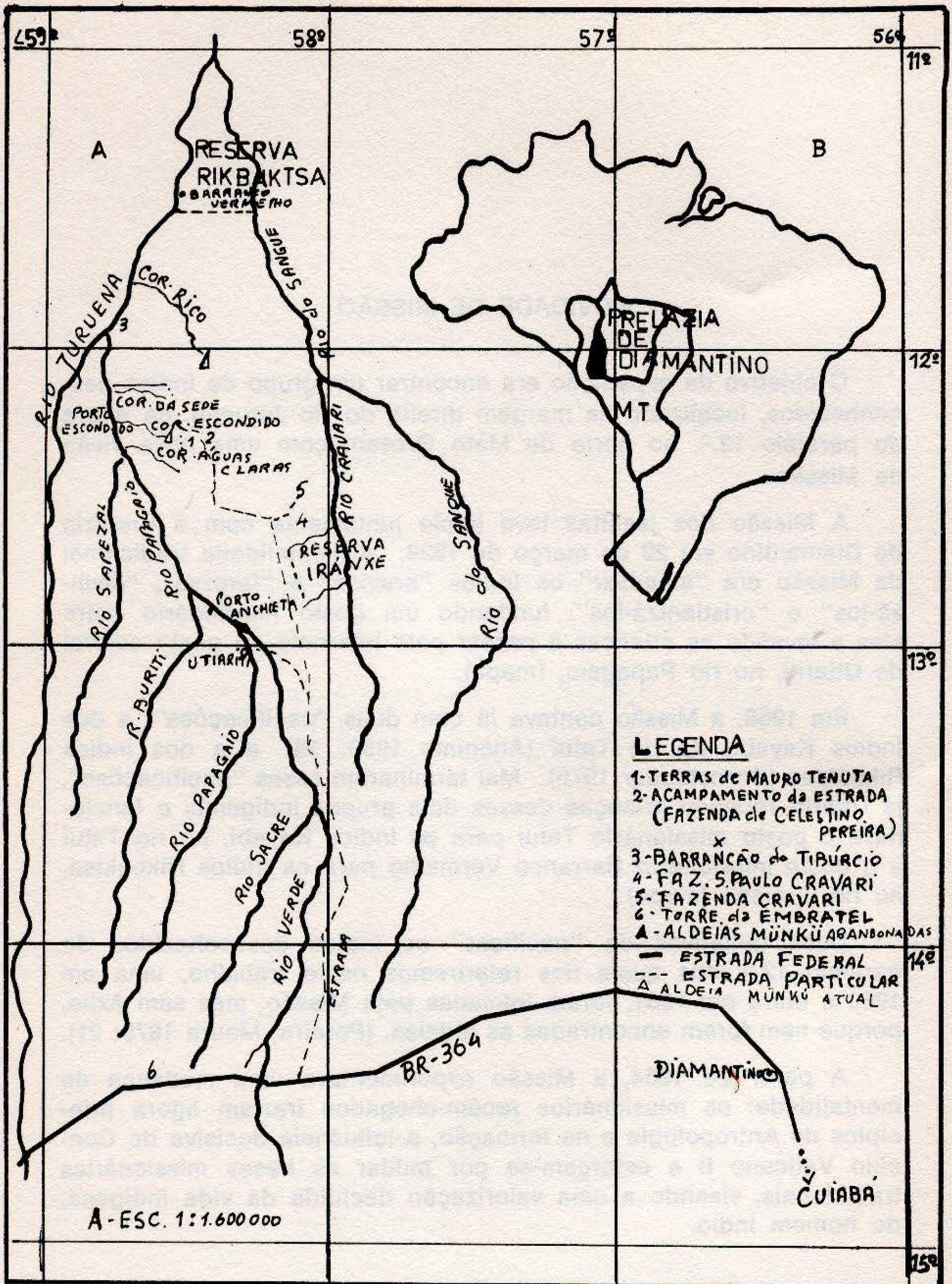
O objetivo da expedição era encontrar um grupo de índios desconhecidos, localizado na margem direita do rio Juruena, na altura do paralelo 12.º, no norte de Mato Grosso, com uma nova visão de Missão.

A Missão dos jesuítas teve início juntamente com a Prelazia de Diamantino em 29 de março de 1929. A mentalidade tradicional da Missão era “amansar” os índios “bravios” e “ferozes”, “civilizá-los” e “cristianizá-los”, fundando um posto missionário entre eles e levando as crianças a passar pelo internato no posto central de Utiariti, no rio Papagaio, (mapa).

Em 1969, a Missão contava já com duas “pacificações”: a dos índios Kayabí, do rio Tatuí (Anônimo 1959: 18), e a dos índios Rikbáktsa (Dornstauder 1975). Mal terminaram essas “pacificações”, já Utiariti recebeu crianças desses dois grupos indígenas e funcionava o posto missionário Tatuí para os índios Kayabí, no rio Tatuí e o posto missionário Barranco Vermelho para os índios Rikbáktsa, no rio Juruena (mapa).

Duas tentativas de “pacificar” os índios desconhecidos do paralelo 12.º, aos quais nos referiremos neste trabalho, uma em 1960 e outra em 1961, foram iniciadas pela Missão, mas sem êxito, porque nem foram encontradas as aldeias. (Pereira; Moura 1975: 21).

A partir de 1964, a Missão experimentava uma mudança de mentalidade: os missionários recém-chegados traziam agora princípios de Antropologia e na formação, a influência decisiva do Concílio Vaticano II e esforçam-se por mudar as bases missionárias tradicionais, visando a uma valorização decidida da vida indígena, do homem índio.



LEGENDA

- 1- TERRAS de MAURO TENUTA
- 2- ACAMPAMENTO da ESTRADA (FAZENDA de CELESTINO PEREIRA)
- x
- 3- BARRANÇÃO de TIBÚRCIO
- 4- FAZ. S. PAULO CRAVARI
- 5- FAZENDA CRAVARI
- 6- TORRE da EMBRATEL
- A- ALDEIAS MUNKÚ ABANDONADAS
- ESTRADA FEDERAL
- - - ESTRADA PARTICULAR
- △ ALDEIA MUNKÚ ATUAL

A-ESC. 1:1.600.000

Sob esse enfoque, o Pe. Adalberto Holanda Pereira redigiu um Diretório Indígena, propondo normas de orientação antropológica para os missionários.

Estas eram as propostas de mudanças, profundas e radicais, que eram exigidas para uma presença mais condizente, junto aos povos indígenas: feitos os novos contatos com grupos desconhecidos, nenhum índio deveria ser levado para o internato, nem ser fundado posto missionário entre eles; os missionários deveriam conhecer e respeitar a organização tribal e a religião indígena, aprender a língua do grupo, tendo condições para, com alegria e respeito, descobrir as sementes do Verbo ali ocultas.

O fechamento paulatino do internato de Utiariti, a partir de 1969, mostrou que, aos poucos, as novas exigências se impunham, apesar de todas as dificuldades e divisões de mentalidades existentes.

Assim, quando também em 1969, foi localizado o grupo de índios desconhecidos na margem direita do rio Juruena, na altura do paralelo 12.º, o Pe. Adalberto Holanda Pereira e eu resolvemos partir para a contatação daqueles índios em *missão calada*: sem alarde e sem sensacionalismo, pois, qualquer publicidade comprometeria a tranqüilidade necessária para a contatação. Como a própria direção da Missão não via por que abrir uma outra frente de trabalho, contamos com poucos recursos humanos e financeiros. A maior riqueza de elementos humanos eram os próprios índios iránxe, que realizaram as tentativas de 1960 e 1961.

Na narração dos acontecimentos, deixamos correr o diário de campo.

A ALDEIA ABANDONADA

No primeiro semestre de 1969, o piloto da Missão, Oscar Magalhães, descobriu uma clareira na cabeceira do córrego Rico, afluente da margem direita do rio Juruena na altura do paralelo 12.º (mapa). Viu duas casas, que pareciam de índios.

Esse achado vinha ao encontro do projeto de contatação. Julgamos tratar-se do grupo de índios falados pelos iránxe.



FOTO 1

Aldeia localizada na cabeceira do córrego Rico no dia 1.º de julho de 1969, a 18 km do rio Papagaio.



FOTO 2

Aldeia localizada na cabeceira do córrego Rico no dia 1.º de julho de 1969, a 16 km do rio Papagaio.

No dia 1.º de julho de 1969, o mesmo aviador nos levou a um sobrevôo, os padres Edgar Schmidt, João Evangelista Dornstauder e eu. Localizamos duas aldeias na cabeceira do córrego Rico: uma a 16 km e outra a 18 do rio Papagaio e vimos índios. (Fotos 1 e 2) Jogamos alguns presentes do avião e batemos fotografias das aldeias. Bem que o seringueiro Goiano nos informara ter visto sinais de índios naquele lugar, tempos antes.

Cumpramos notar que do posto central de Utiariti a qualquer ponto escolhido para base de penetrações, gastaríamos um dia de viagem, primeiro em carro e depois em barco a motor. De um desses pontos até o posto missionário do Barranco Vermelho, empregariamos meio dia de viagem ou menos, em barco a motor.

Compusemos então a primeira expedição aos índios, partindo de Utiariti no dia 6 de setembro do mesmo ano de 1969: os índios iránxe Tupxí Maurício, Yalukali José, Araaxí Lino, Ulimnã José, o Pe. Adalberto Holanda Pereira e eu.

Os índios sobem, no dia 7, pouco abaixo do barracão do seringalista Tibúrcio, seguindo, um córrego, porque obedecíamos à bússola. Não encontram vestígios e chegam ao barracão do Tibúrcio, de volta, no dia 11. (mapa)

No dia 12, o Pe. Adalberto desce ao Barranco Vermelho, a fim de buscar barco motorizado, para o serviço da expedição. O motorista do barco era o índio rikbáktsa Tonôyta Antônio. Enquanto o Pe. Adalberto permanece na barra do córrego Rico, à espera de resultados, a expedição sobe o mesmo córrego, em demanda das aldeias.

Numa marcha diária de 6 horas, preenchemos os dias 12 a 15, sempre seguindo o rumo do referido córrego Rico. Esses quatro dias não apresentam outra coisa de interesse, senão alguns sinais encontrados no mato e que, por vezes, são interpretados como sendo de índios desconhecidos.

No dia 16, o encontro de uma capoeira velha e um barulho no mato fazem com que o medo se apodere dos membros da expedição e nos obriguem a acampar um pouco afastados do local.

Depois de observações feitas do topo de uma árvore, no dia seguinte, 17, a expedição parte em busca das cabeceiras do córrego Rico. Novos e freqüentes sinais aparecem. À tarde, a expedição chegou a uma clareira com duas casas abandonadas. Dentro



FOTO 3

Uma das panelas de barro encontradas dentro das casas.

delas, havia apenas algumas panelas de barro. (Foto 3) Era uma das aldeias vistas de avião, a da foto n.º 1.

Descobrimos um acampamento no mato um pouco retirado da aldeia. Concluimos que os índios, com medo do avião, se refugiaram naquele acampamento por uns dias e dali saíram para outra direção, abandonando a aldeia.

Dormimos no porto dos índios.

No dia seguinte, por falta de mantimentos e desinteressados de procurar a outra aldeia, supostamente tida por abandonada, cortamos rumo, para chegar ao rio Juruena.

Na caminhada, passamos muita sede, pois, desde a tarde do dia 18 e mais toda a manhã do dia 19, não vimos água. Como era desconhecida a primeira cabeceira, que encontramos, apelidamo-la da Sede.

Deixamo-nos guiar pelo córrego da Sede e de tarde chegamos a um grande rio, que julgávamos ser o Juruena. Cortamos alguns paus, jogamos nágua e amarramos: uma como que jangada. Pusemos em cima apenas o indispensável, empurrando a nado. O que levávamos, era metido dentro de um saco coberto com borracha natural, pelo processo de seringaço, muito usado na região pelos seringueiros, que lhe dão o nome de bucho.

Começamos a descida pelas 18 horas, tendo a intenção de chegar à barra do córrego Rico, onde o Pe. Adalberto nos espera. Pelas 23 horas, resolvemos pousar na margem, em demasia cansados pela chuva e esforço de nado nos rebojos. E depois de acampados, ainda choveu.

No dia seguinte, não encontramos mais a nossa espécie de jangada. E tínhamos deixado as ferramentas na beira do rio, no ponto de partida. Com as mãos, derrubamos três troncos secos, amarramos, e continuamos a descida. Ao atingirmos o verdadeiro Juruena, descobrimos que tínhamos nadado, descendo o rio Papa-gaio. Era pelo meio-dia.

Almoçamos no providencial barracão do Tibúrcio. Por esse tempo já rareavam as feitorias (casas) dos seringueiros, pois os seringais não eram mais ajudados por empréstimos do Banco da Amazônia.

Logo depois, uma canoa levava Tupxí, Yalukalí e Araaxí, rio abaixo, a chamar o Pe. Adalberto e Tonôyta.

De noite, repassei com o Pe. Adalberto o trabalho realizado e avaliamos a situação. Resolvemos que a próxima entrada seria no ano seguinte, passadas as chuvas.

No dia 25 do mesmo setembro, estávamos em Utiariti, dando por terminada a primeira expedição aos índios desconhecidos do paralelo 12.º.

TROCA DE PRESENTES

No dia 24 de junho de 1970, Tapurá José, Yalukalí José, Ulimnã José, Luís Danninger, voluntário da OED, o Pe. Adalberto e eu partimos de Utiariti, em nova expedição. Acampamos na barra do córrego da Sede.

Aclaradas as dúvidas sobre rumo, fizemos caminhada diária de 6 horas nos dias 27 e 28. No dia 29, chegamos no pátio da aldeia abandonada. Vimos que os índios tinham passado por ali, recolhido foice e machado e deixado, em troca, um machado de pedra. (Foto 4)



FOTO 4

O machado de pedra deixado, em troca, pelos índios desconhecidos.

Agora ficamos bem animados: os índios tinham voltado à aldeia. E mais: mostravam o desejo de encontro pacífico, pois trocaram os presentes.

No dia 30, repartimo-nos em dois grupos: o Pe. Adalberto saiu comigo por um rumo, para uma pequena incursão e Tapurá e Yalukalí saíram por outro, para uma investigação mais completa. Luís e Ulimnã ficaram no acampamento. O Pe. Adalberto e eu voltamos e nos pusemos a deliberar sobre planos de trabalho. Os índios se perderam no mato, passaram a noite ao relento e só chegaram de volta no dia seguinte depois do meio-dia, sem maiores informações.

No dia 2, deixamos mais alguns brindes no pátio da aldeia: um machado encabado, uma faca, um pente, uma senha. Tapurá deixa uma ponta de suas flechas de taquara larga, amarrando dois ossos de macaco, algodão, mandioca e urucu, produtos dali da aldeia, para fazer ver que ali tínhamos estado brancos e índios iránxe. (Foto 5) Voltamos ao porto no Papagaio.

Dia 3. Descemos o rio Papagaio de barco, mas à deriva. Aqui na região seringueira se diz descer de bubuia, quando a embar-



FOTO 5

No dia 2, deixamos mais alguns brindes no pátio da aldeia abandonada e a senha da paz.



FOTO 6

Da esquerda para a direita: Luís Danninger, Ulimnã Zezinho, Yalukali José, Pe. Adalberto e Tapurá José, descendo o rio Papagaio, de barco, mas à deriva, ou de bubuia, como se diz na região seringueira.

cação desce ao sabor da corrente da água. (Foto 6) Com seis horas, chegamos ao barracão do Tibúrcio e lá pousamos.

Dia 4. Aproveitando a descida de um barco do seringal, todos menos o Pe. Adalberto, fomos até o Barranco Vermelho. Ali encontramos com o Pe. Edgar que, no dia 5, nos trouxe de volta ao barracão do Tibúrcio, onde pousamos.

Dia 6. Agora, com o nosso barco ajoujado ao barco motorizado do Pe. Edgar, remontamos à barra do córrego Águas Claras, que desejávamos explorar, pois ali, tempos antes o motorista de barco Arantes informara ter ouvido gritos de índios. Também o mapa dava esse córrego Águas Claras como originário da região do córrego Diolicinho, onde o seringalista Pedro Laurindo e companheiros teriam visto vestígio de índios.

Nesse mesmo dia, o Pe. Edgar Schmidt prossegue viagem para Utiariti e, de lá, para Cuiabá. Leva pedido de um sobrevôo. O avião

exploraria a região e mostraria aos expedicionários por sinais combinados a direção certa das aldeias, caso fossem localizadas.

No dia 7, com exceção do Pe. Adalberto e Ulimnã, que ficaram na praia do Banho, em frente à barra do córrego Águas Claras, fomos explorar esse córrego.

Fomos até às cabeceiras do Águas Claras, sem encontrar sinal de índios. Ficamos sabendo que nessa parte sul do território



FOTO 7

Da esquerda para a direita: Ulimnã Zezinho, o autor, Luís Danninger, Tapurá José e Yalukali José de volta ao acampamento da praia do Banho.

investigado não tínhamos necessidade de voltar, pois os índios ficavam mais para o Norte.

Pela meia-manhã do dia 11, estávamos de volta, na barra do Águas Claras e passamos ao acampamento da praia do Banho. (Foto 7)

Folgamos no dia 12. No dia 13 de julho, chega de volta o Pe. Edgar, dizendo que o avião, adoentado, não pudera voar.

Ajoujou o barco da expedição ao seu, e levou-nos até o Barreiro, onde pousamos.

Dia 14. Descemos ajoujados até à barra do córrego da Sede e ali fomos deixados. Luís Danninger deixa a expedição e segue com um grupo de jesuítas a um passeio ao Barranco Vermelho.

Subimos à aldeia conhecida, chegando lá na tarde do dia 15. Verificamos que os nossos brindes estavam sobre o jirau, assim como os havíamos deixado. Os índios iránxe mostram-se desanimados e Tapurá faz verdadeiro discurso, manifestando que não tinha mais esperança de encontrar os índios. Fomos até o nosso acampamento na cabeceira do córrego. Armamos as redes e deitamos, cansadíssimos.

Dia 16. Os índios iránxe resolveram descansar o dia todo. O Pe. Adalberto e eu, infrutiferamente, andamos em busca da segunda aldeia vista de avião. Na volta comemos beiju, que Tapurá assara, tirando mandioca da aldeia abandonada. (Foto 8)

Dia 17. Tapurá e Yalukalí saem cedo, tomando um certo rumo. Pe. Adalberto, Ulimnã e eu fizemos nova incursão pelos arredores, em outro rumo, mas sem resultados. De tarde chegam Tapurá e Yalukalí, dizendo terem atingido um córrego na região dos córregos Diolicinho e Eusébio, da vertente já do rio do Sangue. Mas não encontraram sinais de índios.

A nossa situação ali era cada vez mais precária, pois estávamos acampados na nascente do córrego Rico que, nessa época, tinha apenas algumas poças d'água que, com o uso freqüente, já se faziam menos limpas. Para beber a água tínhamos que fervê-la.

Jantamos e resolvemos iniciar nossa volta no dia seguinte, pois toda exploração possível havia sido feita.

Dia 18. Bem cedo largamos da aldeia, em marcha forçada para não perdermos o barco do Pe. Edgar, que tinha aprazado o dia 19, para passar pela barra do córrego da Sede.

No nosso barco, um bilhete dizia que o Pe. Edgar tinha antecipado a viagem e passara pela barra no dia 18. E tínhamos a decepção ainda de ter escutado na madrugada de 19, o ronco de um motor: era o barco do seringal e sumindo rio acima.

Mais uma vez descemos de bubuia o demorado trecho até o barracão do Tibúrcio. Lá ficamos 9 eternos dias, à espera de um barco, que nos levasse de volta. Apenas no dia 31 chegávamos a Utiariti. Pusemos ali fim à segunda expedição aos índios arredios.



FOTO 8

Tapurá José ralando mandioca tirada da aldeia abandonada.

A FALA COM OS MÜNKÜ

Através de novo reconhecimento aéreo, a nova aldeia foi localizada no dia 15 de maio de 1971. Estava nas cabeceiras de outro córrego, afluente do Papagaio, pela sua margem direita, a uns 20 quilômetros a Sudeste da antiga aldeia.

Com novas esperanças de encontrar os índios arredios, organizamos nova expedição. Dispunhamos, agora, de 1 motor novo: Arquimedes Penta.

Os índios iránxe Tapurá José, Tupxí Maurício e Uyakuxí Armando, o índio rikbáktsa Aikiniáta Odilon, o Irmão Vicente Cañas, o Pe. Adalberto e eu, partimos de Utiariti no dia 9 de junho.

Ao entardecer do dia seguinte chegamos ao ponto fixado em vôo para início da marcha por terra. Tratava-se de um córrego cuja barra estava bem encoberta pelo mato e, por isso, foi denominado Escondido.

No dia 11 iniciamos a marcha, deixando no porto Uyakuxí Armando e Aikiniáta, que construiriam um rancho.

Pela tarde chegamos a uma possível capoeira antiga dos índios, onde havia muitos galhos quebrados à mão.

No dia 12, continuamos a marcha e pela tarde encontramos trilho dos índios e o local onde depenaram um macuco. Caminhamos com mais cautela. Mais adiante encontramos uma árvore abatida a machado de ferro e nos arredores sinais do uso do facão. O caminho dos índios é agora aberto com facão que lhes deixamos.

No dia 13, pelas 7 horas, bem ao longe, ouvimos distintamente o machado batendo em madeira. Arreamos os buchos, abrimos os machados, facões e facas, para brinde aos índios. Tapurá e Tupxí, só de calção, jogam no pescoço os colares que o Ir. Vicente carrega.

Agora não é marcha, é andada a tateio. Logo surge uma tapera velha, antiga morada dos índios. Examinamos os xires (cestos fundos e estreitos) abandonados, ranchos e mais coisas. Bato foto. O caminho dá numa cabeceira de um córrego com uma hora de caminhada. O caminho parece terminar: Tapurá e Tupxí investigam o mato. Resolvemos seguir o rumo iniciado, mesmo sem picada. Felizmente, com meia hora de caminhada, saímos de novo em batida aberta a facão.

Com vinte minutos palmilhando o trilho, damos com um grande jirau com restos de lenha queimada. Mais adiante, outro correçãozinho. Logo depois, um enorme tronco abatido a machado de ferro. Às 9 h e 30 m, abre-se-nos uma grande clareira, com restos de queimada, sinal evidente de proximidade da aldeia. Minutos depois, recebe-nos um pique bem mais largo, fazendo encruzilhada conosco. Tudo diz que um galho do pique nos leva a uma aldeia, e outro, a outra. Tomamos pela esquerda. Às 10 h e 45 m, chegamos a uma lagoa, com uma pinguela de 15 a 20 metros. Emociona-nos a primeira pegada viva no barro.

O caminho cada vez mais largo e limpo nos leva a uma enorme clareira: a roça dos índios. Tapurá e Tupxí mais na frente, vamos nos aproximando de uma casa. Tudo silêncio.

Bem às 11 horas, chegamos em frente à grande maloca de 16 passos de comprimento, fechada, quieta. Estudamos os vestígios recentes. Entramos na casa e vemos muitos xires cheios de milho, dependurados nos esteios, grandes panelas de barro emborcadas. Saímos e tornamos a fechar a pequena porta. Tupxí pergunta:

— E agora?

Teriam os índios fugido, pressentindo nossa aproximação?

Mas o rastro novo que víramos?... Refletindo, buscamos certeza em volta da casa e encontramos-la num caminho que sai em direção ao Sul.

Enveredamos por ele. Rastros novos aparecem, talvez desta manhã, em caminho limpo e largo. Damos num porto dos índios. Passado o porto e o córrego, o caminho continua amplo e limpo, talvez de ligação das duas aldeias. Os sinais são de hoje. Mesmo com fome, andamos até às 12 h e 50 m, quando Tupxí fala:

— Estamos perto da roça, está cheirando urucu!

Minutos depois uma roça se mostra, bem menor que a anterior. Impressiona-nos o choro insistente de uma criancinha. O peso de anos parece concentrar-se neste momento, pois encontrar esses índios é velho programa, onde pusemos todo o nosso empenho: agora é realizar o contato amistoso e isto é tarefa de Tapurá e Tupxí. Ninguém mais talhado do que o índio para o contato com os companheiros.

Detemo-nos a 30 metros de duas casas, enquanto os dois prosseguem, tendo nas mãos apenas um machado e diversos facões

— os brindes do contato pacífico. A certa altura, os dois bem distanciados, Tapurá faz sinal para que nos escondamos. Somos condenados a curtir desejos, atrás de um enorme tronco tombado, até que Tapurá nos chame. O choro da criança continua e ouvimos a mão-de-pilão socar e vozes. Os índios arredios dentro da casa, se abrigam do calor do sol alto. Ainda podemos, de longe, ver Tapurá e Tupxí se adiantarem, passo a passo, e estacarem a poucos metros das casas.

Momentos de silêncio e ouvimos Tapurá falando alto em língua iránxe. Pára. Silêncio. Depois respondem e imediatamente começa um diálogo franco com vozes que se misturam. Ouvimos choros e gritos. O Pe. Adalberto pergunta:

— O que é isto? Será que estão atacando?

Respondo que é o choro ritual, comum no encontro de parentes ou afins.

Então os homens, mulheres e crianças, fora das casas, sem nenhuma manifestação de medo e inteiramente à vontade dialogam com Tapurá e Tupxí. O Pe. Adalberto, pacificador já flechado pelos Beiço-de-Pau, chora comovido, pois o longamente esperado encontro com os índios arredios se dá sem nenhum choque. São 13 h e 5 minutos.

Cansamo-nos de esperar por Tapurá. O Pe. Adalberto comenta:

— “Chega, capitão, já está na hora de nós irmos. Parece que se esqueceram de nós...”

Comento porém, que Tapurá e Tupxí preparam bem os ânimos, para os índios nos receberem sem receio. Escoam-se 25 minutos e nada de nos chamarem. O Pe. Adalberto pergunta se não é melhor nos adiantarmos, pois talvez os dois se esqueceram de nós. Dou negativa, dizendo que fazem o ambiente para nós.

Vou então bater uma foto, por idéia do Ir. Vicente, quando surge no caminho Tupxí a nos chamar. Bato a foto. Tupxí grita:

— Padre, pode vir!

Levantamo-nos e aproximamo-nos tranquilos, sorridentes, levando na mão os facões e facas, presentes aos novos amigos. Nas feições dos índios arredios, pequeno grupo, lemos o visível espanto, misturado com curiosidade. Dois dos homens têm na mão machado de ferro. Reconhecemos os que deixamos anteriormente, de presente.

Entrego o meu facão ao índio que aparenta mais idade, possuidor de uns fiapos de bigode e cavanhaque e de um ar muito simpático, dando mostras de ser o chefe.

Depois do primeiro impacto, Tapurá e Tupxí nos transmitem o que haviam conversado com os outros índios. Evidentemente, o que sentiram e experimentaram eles mesmos, não dá de saber bem nesta hora.

Tapurá diz que os índios falaram a mesma língua dele e se dizem também Münkü; só faltam três homens, o chefe principal e dois outros índios: caçam e voltarão pela tardezinha; as duas aldeias são desse grupo: passam de uma para outra.

Acabava de acontecer o que esperávamos: os índios do Cravari encontravam os parceiros da mesma língua münkü. Entretanto, o grupo do Cravari é denominado comumente de Iránxe, nome que vem dos primeiros contatos com os civilizados. Continuaremos a chamá-los Iránxe, nesse trabalho. Designaremos pelo nome autóctone Münkü os índios recém-contatados nas cabeceiras do córrego Escondido.

O Pe. Adalberto fala um pouco na língua münkü e várias coisas são perguntadas ou transmitidas com a ajuda de Tapurá e Tupxí. Aos poucos cresce a confiança dos índios e as mulheres e as crianças se aproximam. Notam que estamos sem comer e saem dois deles e voltam com dois xires cheios de cará. Fazem questão de dar um pouco para cada um de nós. Uma mulher traz cará assado, e nos oferece. Admiramos a hospitalidade.

Enquanto isso, conto quantos são: uma mulher aparentando bastante idade, despreocupada, quase desinteressada, andando de lá para cá, mais perto dos dois ranchos, sem se aproximar de nós; outra mulher, de certa idade, carregando uma criança, falando e participando mais do contato, com os dentes da frente muito salientes; mulher de meia-idade, carregando uma criança, a que nos trouxe o cará assado; mulher bem jovem, muito comunicativa, sempre junto a nós, sem nenhuma amostra de medo, fala muito com Tupxí; mulher bem moça, segurando uma criança e, desde o início, assentada junto à porta de uma das casas, mostrando desconfiança; mocinha de 15 anos, carregando uma criança, não falando nada, mas se aproxima bastante e aprecia o movimento; menina de 11 anos, bastante curiosa, aproximando-se muito de nós; menina de 6 anos, conservando-se mais afastada.

Passei aos homens: homem de boa idade, a quem entreguei o facão, subchefe, chamado pelo Pe. Adalberto de coração de mãe, recebendo os presentes e dizendo que os guardará até a volta do chefe, a quem compete repartir; (foto da capa) homem na beira dos 30 anos, com um dos machados anteriormente deixado por nós, falando bastante; homem com pouco mais de 20 anos, o mais forte e com papel relevante no contato; moço com início de bócio, reservado, mas sempre junto de nós; moço bastante vivo e ativo, bom participante no encontro; rapazote sempre perto de nós, pouco falador, com os braços à altura do peito, as mãos caindo e trêmulas, se de medo, se de doença, não sei; menino de 11 anos, simpático e o primeiro a se aproximar de Tapurá, atento e observador de qualquer gesto nosso.

Estamos com 20 minutos de contato. Procuramos um modo de nos despedir. O medo de transmitirmos doença nos manda permanecer o menos possível.



FOTO 9

Tupxi Mauricio, de costas, o autor, no centro, Tapurá José, de calção, Pe. Adalberto, à direita, cercados pelos índios recém-contatados.

Pergunto a Tupxí se posso bater fotos e diz que sim. Tapurá diz que não. Insisto um pouco, pois julgo importante documentar o primeiro encontro. Então Tapurá diz que sim. (Foto 9)

Enquanto batemos fotografias, eu e o Ir. Vicente vamos falando da nossa volta. Quando os índios sabem que deixamos tudo perto da tapera velha, prontificaram-se a enviar dois moços que nos ensinam um atalho. O homem mais forte e o moço ativo entram nas casas e voltam com dois arcos e com dois maços de flechas cada um. Dão de presente um arco e um maço de flechas para cada um dos nossos guias, Tapurá e Tupxí, armando-os. (Foto 10)

Marcamos o prazo de uma lua para o nosso encontro da próxima vez. O grupo todo fica admirado com a resolução de nos abalarmos logo, pois nos convidavam para pousarmos. Mostramo-nos inflexíveis e vamos saindo. Os dois jovens münkü se põem logo na frente, com redes de algodão dependuradas das costas. Tapurá e Tupxí, além do arco e flechas, carregam um xire cheio de carás. Partimos às 14 h e 15 m. Os dois guias tomam logo o rumo da Tapera Velha.

Durante a caminhada conversam largamente com Tapurá e Tupxí, rindo muito de vez em quando. Só paramos uma vez, para beber água. Gastamos duas horas e pouco.

Ficamos sabendo que o de mais idade se chama Yanãí e o mais jovem Xinunxí. Os dois estão curiosos para saber o local por onde entramos no território deles. Contentam-se com a indicação de Tapurá de ter sido por perto da primeira armadilha de macuco. Oferecemos cará, mas não aceitam. Marcando novo encontro para a lua seguinte, despedimo-nos. Os dois dizem que nos esperarão nesse mesmo local da tapera velha, com muito cará e batata.

Assentam-se sobre o tronco abatido e assistem desaparecermos.

Às 16 h e 45 m, comemos mais adiante, no local onde arriamos os buchos. Sob a impressão do acontecido, descansamos até às 17 h, quando marchamos para o acampamento da noite anterior, lá chegando em 45 minutos apenas, mas já bem escuro na mata.

Tapurá e Tupxí contam o contato e primeira fala. Ao chegarem perto das casas, esforçaram-se por escutar a conversa dos índios arredios, a fim de terem a certeza se falavam ou não a língua deles. Tupxí entendeu o que a índia falou para a criança que chorava, mandando-a parar de chorar. Dirigindo-se a Tapurá, encorajou-o



FOTO 10

Tapurá José, com o xire às costas e arco e flexas na mão, o homem mais forte, ao centro, escolhido para nos acompanhar, Pe. Adalberto e Ir. Vicente.

a iniciar o diálogo, pois era perigoso estarem ali sem se darem a conhecer. Tapurá falou calmamente. Houve breve silêncio e logo alguns homens saíram pelos fundos das casas, armados de arco e flechas e prontos para o que desse e viesse. Tapurá e Tupxí presentiram o perigo, mas conservando-se calmos, continuaram a se explicar. Então os homens guardaram arcos e flechas nas casas e voltaram só com os machados de ferro. Com isto queriam mostrar que reconheciam em Tapurá e Tupxí os doadores dos presentes. O diálogo se tornou cada vez mais franco e esclarecedor.

Os índios recém-encontrados contaram também aos dois que, o ano passado, ao deixarmos a antiga aldeia, aconteceu que chegaram pouco depois, estando somente homens no grupo. Bateram nossas pegadas, seguiram-nos e alcançaram-nos quando descansávamos junto a um pequeno córrego, a pouco menos de duas horas de caminhada da aldeia. Cercaram-nos prontos para nos flechar a todos. Isso seria fácil, pois, conforme disseram, estávamos num lugar bastante limpo, bem visíveis. Foi quando o chefe desaconselhou, dizendo que talvez fôssemos amigos, pois já havíamos deixado presentes e que até poderia haver outros patrícios deles no nosso meio. Aconselhou o grupo a uma paciente espera. Foi a nossa sorte.

Não é grande a distância entre a aldeia nova e a velha e assim os índios, desistindo de nos matar, foram, pela segunda vez, à aldeia velha e arrebataram os presentes, indo contar para as mulheres o acontecido. Estas aplaudiram por não nos terem matado, reforçando a opinião de que éramos amigos e que voltaríamos um dia. Chegando agora à aldeia, já éramos de certa forma esperados e tivemos assim o contato amistoso facilitado.

Também contaram que foram atacados pelos índios de baixo. Fazemos idéia que sejam os Rikbáktsa. No último ataque, faz coisa de 15 anos, foram mortos muitos e roubadas crianças. Daí, uma das razões de serem tão poucos.

Estas lembranças foram a ocasião para darem largas aos sentimentos, chorando alguns, tanto mais que souberam, pelos dois informantes nossos, que o grupo Iránxe do rio Cravari é também Münkü, patrícios seus, havia muito tempo separados. Isso os alegrou muito, pois vivem isolados, com medo dos índios brabos. Também a explicação de que o avião passa sobre a aldeia e passa sem perigo, traz-lhes paz e alegria.

Por esses assuntos todos, vemos que o esforço empregado para encontrar esse grupo arredio recebe já cedo recompensa.

Caminhamos de volta, todo o dia 14 e na manhã de 15 estávamos no ponto de partir. Com mais dois de viagem, demos por encerrada essa terceira expedição.

VISITA DE PRIMEIROS DIAS

Visitamos os Münkü de tempos em tempos, como projeto de trabalho orientador. Evitamos a estada demorada nos primeiros dias de contato, por motivos óbvios: deixamos plena autonomia ao grupo, mitigamos a ganância espontânea dos primeiros encontros, evitando a aquisição descontrolada de material supérfluo ao grupo. Somente a necessidade de saúde poderá, com o tempo, exigir uma presença mais demorada. Seria então mais fácil tratar do processo aculturativo adequado do grupo.

Ao cair da tarde do dia 9 de julho já estávamos na barra do Córrego Escondido, Tuxí Maurício, Uyakuxí Armando, Tapurá José, Araaxí Lino, Ir. Vicente e eu.

Ficam no porto para terminar o rancho Ir. Vicente e Araaxí. Partimos no dia 10 pela manhã. No dia seguinte atingimos o ponto de espera combinado com os dois münkü. Ali estiveram alguns dias; depois voltaram deixando alguns beijos espetados em varas. O encontro havia gorado.

Avançamos. Bem próximos da aldeia, combinamos que os índios fiquem só de calção, deixando aqui, a certa distância, todos os pertences. Tapurá pinta-se de urucu. Todos imitamos sua invenção. Tiro também a camisa, mas permaneço de calça, a fim de diferenciar bem dos índios. Essa diferença foi bem representada já no primeiro encontro.

Andamos mais de uma hora e o encontro se dá de modo inesperado: o jovem münkü Xinunxí, que nos acompanhou até a tapera velha, na expedição anterior, e o jovem que tem início de bócio vinham vindo pela picada, em nossa direção. Ao perceberem a aproximação de quem não sabiam quem eram, puseram-se em atitude de defesa, com arco e flecha. Reconhecem-nos e vêm com imensa alegria encontrar-se.

Ando para o encontro e ligo o gravador, deixando correr a fita, registrando o diálogo cheio de encanto. Falam uns cinco minutos.

A seguir, batemos em direção à aldeia. Logo ouvimos as vozes alegres de mais um grupo de homens que, percebendo a nossa chegada, vêm ao nosso encontro, todos armados de arco e flecha: o velho simpático, um jovem que não conhecêramos na expedição anterior, o rapaz que aparenta doença nervosa e o homem perto de trinta anos.

Coloco o gravador no chão e reproduzo a conversa de minutos atrás, enquanto batemos foto, em ambiente de mata.

Instantes depois, chega correndo o jovem Yanãxi, todo pintado de urucu, trazendo também arco e flechas, companheiro da outra expedição. O diálogo toma animação e passo tudo para o gravador.



FOTO 11

Na aldeia de uma única casa grande, Tapurá José, de calção, conversa com os Münkü. Atrás dele, no chão, o gravador registra os diálogos.

Deslocamo-nos para a aldeia, de uma única casa, mas grande, anteriormente encontrada vazia. (Foto 11) Algumas mulheres e crianças estão presentes. Mas falta ainda o chefe. Dizem que logo chegará. Oferecem-nos batata assada e chicha de milho.

De nossa parte, acontece um suspense quando chega o chefe. Homem robusto, baixo, mostra o cabelo adornado com algum fio branco. Vem acompanhado de um índio. Tapurá se destaca e conta-lhe tudo, desde o acontecimento do primeiro encontro.

O chefe responde, explicando as circunstâncias de sua parte. Gravamos também o encontro com o chefe.

Saímos da presença do capitão e a alegria comanda as expressões e manifestações. Continuamente nos oferecem chicha de milho.

Com arte, Tapurá apresenta então as novidades, que trazemos para eles. Primeiro entrega ao chefe mais facões, machados e facas. (Foto 12) Em seguida, apresenta o ralador de lata, fabricado por ele mesmo e lho entrega. Faz propaganda de sementes de cabaça, pois os Münkü não possuem essa planta e as passa às mãos do chefe. Enquanto isso, bato fotos: a mãe e a criança abrigadas na casa, contra o calor do dia; (foto 13) a meninazinha mais confiante de todas; o jovem Yanãí demonstrando como cortam árvore com machado de pedra, com Tupxí achando graça; (foto 14) uma cena de Tapurá com urucu sobre o peito; o novo jovem de nome Matíí.

Daqui por diante, já é mais fácil agrupá-lo para fotos de conjunto. Tupxí bate. Ponho os homens agrupados, (foto 15) depois as mulheres, (foto 16) depois todos juntos e mais um grupo geral, incluindo Tapurá, Tupxí, Uyakuxí e mais um pequeno grupo com Uyakuxí em primeiro plano.

Já estamos com os índios mais de uma hora. Hora quente, abelhas européias zumbem em grande número.

Pego a grande bandeira da paz, um pano branco, tendo no centro um grande símbolo de P cortado no meio (foto 5) e peço a Tupxí que tome um índio e busque uma vara bem comprida, para desfraldá-la na aldeia. Enquanto isso, banho-me no córrego. Ao voltar para o pátio, já encontro o mastro. Mas Tapurá, Tupxí e Uyakuxí e vários índios vão se banhar. Não suportam as abelhas pousando em chusma nas costas molhadas de água e suor. Abrigo-me à beira do córrego. Para levantar o mastro, os índios fazem um sacrifício bem curtido, pois as abelhas aumentam ainda mais.



FOTO 12

O chefe Münkü com os brindes entregues por Tapurá José.



FOTO 13

A mãe e a criança abrigadas na casa, contra o calor do dia.



FOTO 14

**O jovem Yanãí demonstrando como cortam árvore com machado de pedra;
Tupxi Maurício acha graça.**



FOTO 15

O grupo dos homens Münkü.



FOTO 16

O grupo das mulheres Münkü.

Levantando o mastro, pegamos às carreiras nossas poucas coisas e ganhamos a mata, iniciando a volta. O capitão nos acompanha com toda a turma de homens. Dezenas de metros dentro da mata, livres das abelhas, enchemos meia hora e mais de conversa.

Tupxí e Tapurá ganham um papagaio cada um. Uyakuxí, ao dar uma flecha, recebe outra. Pergunto o nome dos presentes. Alguns coincidem com os dos índios iránxe. Ximyuí o nome do chefe; o simpático velho subchefe, chama-se Wimnã; um outro, Wayakúxi, o de cavanhaque e bigode, Yaukaí; o rapazote, Wātú; o moço que conhecemos desta vez, Matii; por fim, o que tem início de bócio, Yanãxi.

É coisa de meio-dia quando jogamos a marcha para frente. Tapurá abre fileira e imediatamente depois o chefe Ximyuí. Acompanho os dois e mais atrás vêm os outros, em conversa animada. Chegamos ao lugar dos nossos buchos. Pegamo-los e nos distanciamos, depois da despedida dos índios.

No dia 12, chegamos à barra do Córrego Escondido e, depois de uma rápida descida à área indígena dos Rikbátsa, encerramos essa quarta expedição, no dia 15, em Utiariti.

CAMINHO RECÉM-ABERTO

Partimos de Utiariti no dia 25 de setembro de 1971: Tupxí Maurício, Tapurá José, Ulimnã Zezinho e Kayolí Inácio, índios iránxe, e Ir. Vicente e eu. Mas só atingimos o Córrego Escondido no dia seguinte. Pusemo-nos em marcha ainda pela manhã.

Pelas 14 horas, Tapurá dá com sinais recentes dos Münkü. Pelas 15 horas, entramos numa picada bem aberta e limpa, muito semelhante às estradas de tropa. Bem que os índios novos nos prometeram na última vez, abrir um caminho, para nos facilitar a caminhada. Andamos assim inteiramente desimpedidos daqui para a frente, podendo chegar às 16 horas a um córrego, já perto da cabeceira.

Tapurá, Tupxí e Kayolí vão mais para frente verificar a quantas andamos. Acampamos.

Já depois das 17 horas, chegam os rastreadores Tupxí e Tapurá.

Dia 27, partimos. Os Münkü retificaram o caminho e passamos ao lado da antiga tapera. Não andamos uma hora além da tapera, e topamos com seis índios münkü: o chefe Ximyuí, o vice-chefe Wimnã, Wayakú (que recebeu colar no encontro anterior), o rapaz de bócio, o esperto Yanāxí e o mocinho Matíí.

Ligo o gravador para surpreendermos as primeiras reações. São 8 horas e 15 minutos.

Os índios mostram-se muito alegres e logo se dá um diálogo animado entre todos. Paramos coisa de 15 minutos.

Abalamos para a aldeia, um tanto distante. Na frente, Tupxí e mais um moço; depois, Kayolí e Tapurá, tocando a yakuli, flauta de cinco tubos; em seguida, eu; os mais, por trás, tudo em fila indiana, em cenas cheias de simplicidade e encanto.

Adiantei-me com mais um dos Münkü, passamos na frente dos demais e chegamos bem antes de todos à aldeia. Encontramos primeiro o baixinho Yaukaí, o moço Xinunxí, pintado de urucu e com bela flor de penas no nariz e as mulheres da tribo.

Primeiro manifestam receio, pois apenas um münkü me acompanha. Mas chegando logo os outros, quebra-se o gelo e ficam mais à vontade. Como das outras vezes, logo trazem comida: chicha, bolos de beiju, amendoim e mais coisas. Tapurá desembrulha semen-

tes de caju e as plantas à vista dos Münkü. Por sua vez, trazem-nos sementes de feijão-reto e grandinho.

Passamos ao moço, que nos encomendou a cutra vez, quatro facas e um machado. O chefe Ximyuí entrega-me um bolo grande de beiju.

Peço para entrarmos na casa. Aqui vemos 24 xires cheios de espigas de milho maduro, aguardando próximo plantio. Dão-nos muitas espigas, para plantarmos, bem como amendoim.

Peço e recebo o enfeite nasal, a flor de penas do jovem Xinunxi.

Tapurá conversa longamente com a jovem que lhe foi prometida (desde o primeiro encontro Tapurá havia falado de sua recente viuvez e logo os Münkü ofereceram-lhe uma moça para esposa). Meus companheiros deixam anzóis pequenos como presente.

Gravo tudo o que posso da conversa dos índios. Tiramos fotografias, uma do grupo dos homens e outra das mulheres e meninas.

O sinal da paz, hasteado da vez anterior, aqui está ainda desfraldado.

Com apenas duas horas de permanência, sempre por motivos higiênicos e de prevenção, damos sinal de volta e partida.

Encomendamos arcos e flechas. Peço ao baixinho Yaukaí, para confeccionar um gorro de algodão, igual ao que está usando.

Bato mais algumas fotos e nos despedimos. Os homens nos acompanham até o lugar onde nos havíamos encontrado e onde deixamos os buchos. Conversamos ainda um pouco. Os Iránxe mostram as espingardas, explicando o funcionamento.

Despedimo-nos dizendo "tolopaní" (vou embora) e reiniciamos a volta.

Pousamos a uma hora de caminhada do nosso local anterior de acampamento.

PRIMEIRA NOITE NA ALDEIA

Participamos dessa expedição, iniciada no dia 31 de dezembro de 1972: os índios Iránxe Tupxi Maurício, Tapurá José, Araaxí Lino, Yanaxí Aníbal, Tãmuxí Luís e eu.

Partimos de Utiariti. Somente no dia seguinte chegamos ao córrego Escondido.

Limpamos um trecho do caminho e seguimos a marcha este dia e o seguinte.

Ao chegarmos à aldeia, achamo-la completamente vazia. Rumamos então para a outra aldeia. Os índios não percebem nossa presença senão quando Tapurá começa a falar para ser ouvido por eles.

Tapurá cumprimenta. Os Münkü respondem admirados, mas com muita calma e tranqüilidade.

Tãmuxí Luís abaixa a cabeça e fala muito, pois é a primeira vez que encontra os Münkü. Araaxí e Yanãxi falam menos.

Gravo o que posso desses primeiros momentos.

As emoções da chegada inesperada se assentam aos poucos. Tapurá então apresenta os novos: Tãmuxí, Araaxí e Yanãxi Aníbal.

Trazem-nos chicha de milho e de mandioca. Eu me sinto inteiramente isolado, por não conhecer a língua.

Já faz escuro, quando buscamos nossos pertences na entrada da roça. É a primeira vez que vamos passar a noite na aldeia.

Preparamo-nos para arrancar na mata, à entrada da roça, quando os índios novos nos indicam um certo lugar dentro da roça, próximo à casa. Fincaram alguns esteios. Armamos as nossas redes.

Os Münkü fazem roda com Araaxi e Yanãxi Aníbal, junto à rede de Tupxí. São todos jovens e conversam animadamente. Tapurá e Tamuxí permanecem com os outros índios novos na casa deles.

Adormeço e pouco depois acordo e os rapazes ainda mantêm acesa a conversa junto à rede de Tupxí. Recomendo a Tupxí, que os Münkü devem dormir. Os jovens se apartam de nós e vão para a casa.

A certa altura da noite, dá de cair garoa e ameaçar chuva. Acordamos. Recolhemos as redes. Tememos que os Münkü nos convidem, caso chova e nos vejamos obrigados a entrar na casa deles. É sempre o perigo de contágio que me atormenta. Uma gripe pode comprometer inteiramente o futuro desse grupo. Entretanto, vemos correrem a toda presteza trazerem palha e ramos e num abrir e fechar de olhos improvisam um telhado. Podemos nos abrigar meio-sentados e meio-deitados.

Tapurá vai para a casa dos Münkü e conversa muito.

A chuva é mais promessa que água. Armo novamente a rede. Tupxí faz o mesmo. E assim passa a noite.

Noto, entretanto, que seis dos homens dos Münkü usam uma bela faixa de algodão em volta da cabeça, peça muito bem tecida.

Dia 3, segunda-feira. Quando acordo, reparo num bom número de índios já conversando pelos arredores da rede. Solto o gravador. É um sucesso. Logo se aproximam bastante e chamam as mulheres.

Passamos a recolher nossos pertences. Os Münkü vão então trazendo as encomendas que fizemos na última visita: cinco conjuntos de arco e flechas, uma peneira, dois xunãs (enfeite de cabeça) tecidos com algodão, uma faixa de algodão.

Deixamos dois machados, uma faca, dois facões. Pedem faquinhas menores. Tapurá e Tupxí dão anzóis pequenos para as mulheres.

Tapurá conversa muito com sua prometida. Ela, por ordem da mãe, já havia dado a ele beiju e chicha.

Jogo o bucho às costas e tomo uma atitude de partida. Meus colegas percebem e fazem o mesmo, dizendo "tolopani".

Os nove homens münkü nos acompanham. Perfazemos rapidamente o caminho que nos separa da outra aldeia. No porto da aldeia, onde paramos, dois moços münkü vão até a casa e voltam com diversas yetá (flauta sagrada) e se põem a tocar. Enquanto isto, tomamos cafezinho e gravo duas músicas das yetá. Tapurá se mete no meio dos rapazes e toca também melodias, com aplauso dos Münkü. Aconselho então Tapurá a pedir a yetá usada por ele, a fim de não ter problema de transmitir alguma moléstia, através da yetá.

Tapurá pede. Os Münkü acedem, mas fazem recomendações atrás de recomendações, para que não mostre a yetá a mulher alguma, pois é muito perigoso.

Os nove Münkü nos acompanham ainda até o córrego da Japoíra. Ali Tapurá, Yanãxi e eu tomamos a dianteira, deixando os companheiros de expedição para trás.

Dia 4 foi de descanso e pescaria. No dia seguinte limpamos um trecho do caminho e iniciamos a subida do Papagaio. À tarde estávamos em Utiariti.

FILMAGEM NA ALDEIA

Os índios iránxe Tupxí Maurício, Tapurá José, Ulimnã José e eu formamos a sétima expedição, que partiu de Utiariti no dia 9 de março de 1972; mas só no dia 12 estávamos no córrego Escondido, pois alguns assuntos urgentes nos obrigaram a descer até a reserva dos Rikbáktsa.

Iniciamos a marcha só no dia 13. Tupxí fica no porto, pois acha-se gripado.

Na encruzilhada das duas aldeias, encontramos uma estrada larga, aberta pelos Münkü, a fim de nos facilitar a chegada à segunda aldeia, fazendo atalho e evitando passar pela primeira. O trilho se torna cada vez mais limpo.

No primeiro córrego paramos. Tapurá fica só de calção e se pinta todo de urucu. Ao entrarmos na roça, deixamos todas as nossas coisas e entramos em silêncio.

Estamos bem perto da primeira casa, quando somos notados por alguns moços, que logo dão rebates da nossa presença. Tapurá dispara a falar. Confluem todos os índios para o pátio, a fim de nos receber e dão mostras de visível alegria.

Estão ausentes o chefe Ximyuí e sua mulher; o baixinho Yaukaí, o moço Yanãxí e o jovem Xinunxí. Anima-se a conversa e ponho o gravador a funcionar.

Pergunto pela casa que tinham prometido fazer para nós. Apointam-nos uma casinha um pouco mais retirada, no meio da roça. Busco o bucho e passo a ocupar a nova casa. É uma casa de palha da cumieira até quase tocar o chão.

Dessa vez trago uma filmadora de 8 mm. Tomo com facilidade as cenas, pois os índios acedem aos meus desejos, organizadamente, naturalmente. Socam milho no pilão, ralam mandioca, carregam o pōyri (xire), simulam caçada com arco e flecha, todos pintados de urucu. Matif faz fogo com pauzinhos em fricção e mais coisas

Tapurá conversa com o chefe Ximyuí. Este diz que estavam com muita saudade de nós e até pensou que Tapurá havia morrido e não apareceria mais.

Ao escurecer, retiro-me para a nossa "ini" (casa). Como alguma coisa e me deito. Tapurá e Ulimnã continuam conversando com os Münkü. Depois de muito tempo chegam para dormir. Advirto que não devem conversar muito tempo com os Münkü, em ambiente fechado, pois assim, mais facilmente podem ser transmitida a gripe. Descansamos.

Dia, 14, terça-feira. Tapurá, alta madrugada, se levanta e vai junto dos Münkü. De longe ouço que ele inicia um verdadeiro cerimonial de discursos, cantos, lamentações. Infelizmente o gravador não funciona, para pegar a novidade.

Ao amanhecer, Tapurá volta para nossa casa e explica que fez como os antigos, assim como ele aprendera de pequeno.

Arrumamos nossas coisas e vamos para o pátio, onde todos se encontram reunidos. O sol aparece e executo umas tomadas de filmagem, principalmente dos ausentes de ontem.

Trazem-nos batata-doce e beiju para a viagem.

Reparo que desde ontem, quando chegamos, os homens usam um xunã muito bonito, feito de taquarinha. Interesse-me por obter pelo menos dois, para o museu, e Tapurá faz o pedido. Quase todos entregam os xunã em troca de faquinhas. Interessa-lhes o facão comprido e anoto que devo trazer alguns na próxima visita.

Tudo pronto, despedimo-nos com o "tolopani" e iniciamos a caminhada de volta. Os homens münkü acompanham-nos. Antes de chegarmos ao córrego, onde apanham água, os Münkü apresentam a chegada de porcos do mato e desabalam na caçada. Tapurá e Ulimnã acompanham. Sigo sozinho até o córrego, onde Tapurá se pintara e aqui páro, até que voltem os dois companheiros.

Depois de um tempo os Münkü abandonam a caçada.

Pelas 12 horas chegamos ao córrego que assinala o início da nossa estrada. Ulimnã segue sozinho. Chego ao acampamento com Tapurá pelas 13 horas. Tupxí já bem melhor da gripe, tinha limpado o barco e encontramos a bóia à nossa espera. Assim foi rápida a preparação do barco para a subida do Papagaio.

A viagem continua nos dias 15 e 16, quando atingimos Utiariti, terminando a sétima expedição.

TAPURÁ E PAATAÚ

Os participantes dessa oitava expedição somos doze índios iránxe e eu. Os doze eram: Tapurá José, Tupxí Maurício, Uliminã Zezinho, Tãmuxí Luís, Uyakuxi Armando, Tapuraci Benedito, Makakuxi Dito, Irawaxi Alonso, Yanãxi Afonso, Yanãxi Aníbal, Yalukali José, Oyakuxi Aristides.

Partimos de Utiariti no dia 31 de maio de 1972. No dia seguinte, pela manhã, estamos na barra do córrego Escondido. Diversos trabalhos nos impediram de chegar mais cedo à aldeia. Pelo meio-dia do dia 2, estamos próximos. Tapurá solta o grito característico de nossa chegada. A um desses, escutamos distintamente a resposta, quando nos aproximamos da aldeia.

Às 11 horas e 30 minutos chegamos ao porto dos Münkü. Do outro lado do pequeno córrego, em atitude soberana, espera-nos o jovem Xinunxí, que acaba de tomar banho.

A recepção é alegre, com certa emoção, como tem acontecido às vezes anteriores, pois sempre os Münkü se mostram saudosos.

Tomo água e preparo a filmadora. Aparece então Wayakuxí e logo depois Yaukaí, que acabam de se pintar de urucu, forte ainda o aroma.

A conversa se incrementa numa animação viva e filmo cenas diversas. Dez minutos depois prosseguimos a caminhada para a aldeia. Yaukaí na frente, Tapurá e eu logo atrás. Os demais continuam conversando.

Na aldeia, peço a Tapurá para guardar o xire na casinha nova. Enquanto o faz, percebo que as mulheres, moças e crianças vêm ao meu encontro, desembaraçados, alegres e vermelhinhas de urucu novo.

Os outros índios se achegam lentamente, ferrados na conversa, parando em seguida, a certa distância, em contínuo palavreado. Faço sinal, então às mulheres, para que se aproximem, dizendo-lhes:

— “Xakiní!” (vem cá!).

Entendem e se aproximam. Verdadeira festa, esse encontro. Filmo diversas cenas.

Logo os Münkü se lembram de que estamos com fome e um corre-corre desmancha a quietação da primeira conversa. Buscam batata-doce assada, chicha de milho e mais coisas.

Logo mais aparece o jovem Yanãxi, vindo do mesmo lado donde chegamos, com xire às costas, arco e flechas na mão. Em seguida surge o rapazote Wátú. Ambos caçavam.

Enquanto troco o filme da máquina, chegou Yanãí o casado, todo pintado de urucu. Ficam faltando o chefe e o jovem Matíí.

Conversam bastante. Comunicamos que pretendemos voltar nessa mesma tarde e retornar à aldeia, depois de três dias, quando terminarmos a picada. Os Münkü trazem então muitos xires com batata-doce, bolos de beiju e amendoim, para servir de matula na viagem.

Tapurá explica que, quando voltarmos daqui a três dias, ficará definitivamente com eles, casando-se com a prometida. Intensa alegria toma conta então dos Münkü.

Os dias 3 e 4 são de trabalho na estrada.

Depois das 12 horas, Tapurá inicia a viagem rumo à aldeia münkü. Despoja-se primeiro do que prezamos em nossa vida, assim dita de "civilizados". Ficam as calças, as camisas, as panelas de alumínio, a espingarda e o resto. Leva o pōyri, arco, flechas, cinco fações para presentear os patrícios, e três calções, pois os Münkü usam tanga de algodão e o passo para o calção nada apresenta.

Sensibilizado, penso na disponibilidade desse homem que após mais de vinte anos de contato conosco e de diuturno trabalho aculturativo, volta novamente ao modo de vida dos patrícios, ilhados na selva, a fim de se tornar mais aceito por eles e poder ajudá-los mais.

Às 13 horas e 20 minutos, partimos para a aldeia. Tapurá e Yanãxi Aníbal vão na frente tocando yetá. Em todos esses dias, sempre que puderam, tocaram-na, a fim de se saírem bem na festa da aldeia.

Às 15 horas e 10 minutos chegamos junto ao córrego, que fica mais próximo da aldeia. Aqui esperamos pelos retardatários. Passamos álcool no corpo e prosseguimos. Tapurá vai dando o grito característico, mas sem resposta da aldeia. Às 16 horas e 15 minutos, chegamos ao porto dos Münkü. Aparecem Wátú e Yanãxi; depois Wimnã. Não demora e vem Wayakuxí. Com esses caminhamos para a aldeia.

Tapurá organiza os tocadores de flauta yetá, colocando-os em fila indiana, a fim de que entrem no pátio da aldeia, tocando ritualmente.

Isto já é festa de sua união com a moça münkü, já de há muito tempo prometida. Segundo os costumes tribais, as mulheres e as crianças permanecem encerradas em "ini" (casa), com as portas fechadas. A emoção se apodera dos Mükü e Iránxe, isto é, dos homens, que se encontram em pleno pátio, sozinhos, em tarde de sol.

Iráwaxí Alonso não contém o entusiasmo e a emoção. Não pára de discursar.

Guardamos os buchos em nossa casa. Os tocadores continuam a assoprar e dançar no pátio. Filmo a cena. Dentro da casa, só se ouve o socar firme dos pilões, preparando o milho para a chicha.

As 16 horas e 35 minutos, os tocadores entram no mato e guardam as flautas na casa sagrada. Pouco depois, abrem-se as portas e saem mulheres e crianças. Trazem chicha de milho e batata assada. Todos os homens münkü usam xunã de palha e somente Yaukaí usa xunã de algodão.

A conversa prossegue e a tarde cai rapidamente. Pergunto a um dos Iránxe como é que se fala alegre e me diz: — "parikyanã". Pergunto porque todos se mostram muito alegres. Começo a usar a palavra "parikyanã". Tapurací Benedito muito simpático aos olhos dos Münkü, age desembaraçado. O bom velhinho Wimná traz dois pōyri cheios, um com batata e outro com amendoim, para Tapurací Benedito.

Entretanto, noto que durante as cerimônias, seis dos mükü mantiveram arcos e flechas em punho.

Yaukaí, pai da prometida, chora apoiado ao molho de arco e flechas, enquanto Tapurá, em frente dele escuta. Paátaú, a moça prometida, aproxima-se dos dois. Depois é a vez de Tapurá chorar. Observo de longe, a cena.

Numa dessas, os três se dirigem a mim. Tapurá diz-me:

— Agora casou. Agora vou ficar com ela!

Estende-me a mão e me cumprimenta e pede que eu saúde a mulher dele. O pai, ao lado, observa.

As 18 horas e 15 minutos, de dentro de uma das casas ressoa com nitidez, choro ritual executado por uma mulher. Por sinal

Tapurá se encontra dentro da mesma casa. Não posso averiguar, mas tudo indica que o choro é da mãe de Paítaú. Fora, em grande roda, münkü e iránxe conversam. Quatro dos münkü permanecem em guarda, de arco e flecha.

Feito escuro, Yanãxi fala no meio da roda. Os bolos de beiju são recolhidos para dentro da casa da noiva. Em certo momento, Tapurá chora ritualmente. As portas das casas são novamente fechadas com palhas e as mulheres e crianças ficam encerradas dentro. Passam a executar, na casa sagrada, na orla do mato, toques de yetá. Os tocadores vão vindo assoprando e às 18 horas e 35 minutos, chegam ao pátio e iniciam a dança.

Os iránxe Uyakuxí, Yanãxí, Yalukalí e Iráwaxí são os quatro primeiro a tocar e dançar. Os Münkü acompanham, por trás, curiosos, pois para eles é novidade o ritmo das yetá e bater dos pés dos iránxe.

A dança é interrompida duas vezes. Tapurá dirige a palavra aos companheiros, no intervalo. Reiniciam a dança, parando os tocadores, desta vez, em frente de uma das casas e insistem ali num determinado toque. Por fim, as mulheres falam de dentro, como agradecendo.

Os músicos repetem a cena diante da outra casa e as mulheres também respondem. Os tocadores param.

As 18 horas e 50 minutos, alguns münkü vão até a casa sagrada e iniciam ali um toque de yetá. Nisto, as mulheres choram na casa onde Tapurá se encontra com a novel esposa. As flautas acompanham. Depois os münkü iniciam outra peça, dançando ao longe. Aos poucos, dois se aproximam do pátio, assoprando também yetá: Matíí com um chocalho no pé direito e Yanãxí, o de bócio, com uma cabaça na extremidade da yetá. Ao terminarem, o tikyátá (chefe münkü se põe a falar, enquanto, diante de uma das casas, os tocadores iránxe dançam. Vem um intervalo.

Os dois tocadores münkü começam novamente a música, mas agora parados diante do fogo, somente batendo com o pé direito no chão. Cada peça dura de 2 a 4 minutos.

As 19 horas e 30 minutos, mais dois münkü saem da casa sagrada, da orla do mato, tocando os mesmos tipos de instrumentos: Wayakuxí com yetá e chocalho no pé direito e Xinunxí, com a flauta terminando numa cabaça.

Às 19 horas e 35 minutos, com uma hora de festa, somaram 13 peças. Até esse tempo o tikyãtá permanece assentado, ao lado do fogo, apoiado no molho de arco e flechas, atento a tudo. Outros também seguram arcos e flechas.

Às 19 horas e 50 minutos, Iráwaxi vem me explicar que estão fazendo como os antigos: que as mulheres têm de ficar dentro das casas com as portas fechadas, que não se pode falar alto e mais outras coisas.

Às 20 horas e 10 minutos, reparo que os iránxe vão se revezando, prolongando a música, enquanto os münkü, sem revezarem as pessoas, sustentam a música. Yalukalí, junto ao fogo, atrai a atenção dos demais, contando muitas histórias.

Coisa de uma hora depois, Tapurací me oferece beiju e bolo de feijão amassado misturado com amendoim. Representa-me comida muito pesada e como só um pouco. Vem chicha quente de milho.

A festa continua. Reparo que o tikyãtá Ximyuí se põe também a tocar yetá, de chocalho no pé direito. Também quatro münkü, à imitação dos iránxe, vão e vêm pelo pátio. Sai a meia-lua e a festa é sustentada pelos tocadores que se revezam.

Dia 5, segunda-feira. Bem pela madrugada acordo a tempo de assistir Tapurací iniciar o Mahá, espécie de discursos cantado. Soleniza coisa de duas horas.

São 6 horas e 50 minutos, quando dois dos münkü vão guardar as yetá, seguidos dos iránxe e demais münkü tocadores. Anoto que não ouvi ninguém tossir durante a noite, sinal de bom estado de saúde dos iránxe, como dos münkü.

Tomo banho. Ao voltar da água, vejo que as mulheres e crianças já conversam no pátio. Tãmuxí, de pé, em frente da velha mulher Yapoytaú, que permanece assentada no chão, chora, enquanto ela fala. Depois se dá o inverso. Assim termina a grande festa do casamento de Tapurá e Paátaú. Tapurá se agrega agora definitivamente aos do Escondido.

Feitas as despedidas, iniciamos a volta até a barra do córrego Escondido, aonde chegamos à tarde.

No dia seguinte, o barco desce até o barracão do Tibúrcio, para apanhar as famílias, que foram em visita à reserva Rikbáktsa.

TAPURÁ E KAMUNU

Os iránxe Tupxí Maurício e Ulimnã Zezinho, o índio rikbáktsa lógobi e eu, pelas onze e meia do dia 9 de julho do mesmo ano de 1972, encostamos na barra do córrego Escondido.

Ulimnã e lógobi, fortemente gripados, permanecem no acampamento. Tupxí e eu rompemos caminhada. Pela meia tarde atingimos o córrego das Pedras.

Na ponte grande Tupxí dá falta da foice por ele deixada ali, na visita anterior: sinal de terem chegado ali os münkü com Tapurá. Reparámos em batida nova. Vieram nos esperar, pois 6 dias atrás era a data marcada para a nossa chegada. Pela tardinha alcançamos outro córrego e resolvemos pousar.

No dia seguinte, bem cedo, prosseguimos a caminhada. Pelas oito e vinte estamos chegando à aldeia, e percebemos boa derrubada bem na entrada dela. Na entrada do pátio falo alto para um grupo à volta do fogo.

Tapurá, Paátaú, a irmã dela Kamunu e outro índio logo se põem de pé. Os outros se aproximam de nós. Tapurá diz:

— Tudo bom.

Colho na filmadora algumas cenas do encontro há muito esperado. Tapurá se apressa para trazer os cinco machados de pedra encomendados. Examino e admiro. Peço a Matif para derrubar uma árvore com um deles. Documento na filmadora a lida da pedra com o pau.

Tapurá, mais magro, conta-me que, perto da maloca velha, na cabeceira do córrego Rico, deram com batida de índios desconhecidos. Opina que a reserva dos Münkü deve ter por limites os córregos Sede e Escondido, pois entre os dois, a terra é boa e tem castanhal. Desenha com o dedo na areia como deve ser a reserva.

Com o correr da filmagem de cenas aqui e ali, já tínhamos comido batata assada e bebido chicha de milho. Entretidos em ver o pé de abóbora plantado por Tapurá, chegam sua mulher e a irmã dela. Tapurá diz que aquela irmã lhe fora também dada pelos pais, como esposa. Logo se achegam os pais da menina e por acenos confirmam isso. Tapurá explica ainda que lhe haviam passado a chefia do grupo, tornando-se tikyátá.

Digo que a próxima visita não terá data e chegaremos não pelo córrego Escondido, mas pela estrada, que está sendo aberta entre os rios Papagaio e Sangue.

Encerramos a visita. Às 11 horas, nos despedimos e batemos o trilho de volta. Às 17 horas, chegamos ao porto, encontrando arroz e farofa de peixe pescado por lógobi. Os dois ainda gripados.

No dia 12, de noite, estávamos em Utiariti.

A MEDIÇÃO PARALISADA

Em Cuiabá, na segunda quinzena de agosto de 1972, o fazendeiro Mauro Tenuta me informa que os Münkü impediram o término da medição que realiza, faltando apenas 500 metros para o fecho. Tapurá mais tarde confirma que os Münkü repararam no avanço dos medidores e avisaram a ele. Foram então ao encontro dos medidores e Tapurá falara-lhes assim:

— Quem mandou vocês medirem aqui? Essa terra é dos índios, que estão morando aqui há muito tempo. Não podem medir. Primeiro devem pedir licença para o governo e combinar sobre a reserva nossa.

Nesse encontro, os Münkü se apresentaram pintados de urucu e armados de arcos e flechas. Os medidores se desculparam, ofereceram alguns pertences de acampamento e foram a Cuiabá relatar o caso a Mauro Tenuta.

Contatos indiscriminados poderiam se dar. Tornou-se necessário, na falta de determinação da área münkü, visitar mais amiúde a aldeia.

ACESSO À ALDEIA PELA PICADA DE MEDIÇÃO

No dia 16 de setembro de 1972, o Ir. Vicente e os índios iránxe Ulimnã Zezinho, Yanãxi Aníbal e Kanunxi Manoel foram trazidos de Toyota desde a aldeia iránxe até o início da picada de medição, que atingiu a área münkü. Rodaram 107 km. Agora, pela primeira vez, iam tentar chegar aos Münkü andando por essa picada de medição.

Às 10 horas iniciam a caminhada a pé e cobrem cinco horas de bom andar.

No dia seguinte, andam desde muito cedo, na esperança de chegarem logo. Porém, já são 13 horas e nada de chegarem. Os Iránxe falam de voltar e param para descansar. Ir. Vicente prossegue caminhando, deixando os companheiros descansando mais um pouco. Mais na frente o Ir. Vicente pára e espera por eles. Chama-os e não aparecem. Volta ao ponto do descanso e vê, com espanto, que carregaram todos os apetrechos. Julga que voltaram para a estrada.

Dia 19, o Ir. Vicente caminha o dia inteiro com o estômago vazio e dorme na picada.

Dia 20, logo pela manhã sai na estrada e ali aguarda a chegada do Toyota, prevista para aquele dia. Pela meia-manhã, chega o carro dirigido pelo índio iránxe Kapüixí Inocêncio. Dos iránxe procurados pelo Ir. Vicente, nem notícia...

O Ir. Vicente volta a Utiariti, resolvido a atingir a aldeia münkü pelo córrego Escondido.

Dia 24, os iránxe Tupxí Maurício, Uyakuxí Armando e Xinunxi Alípio e o Ir. Vicente iniciam a subida para aldeia, agüentando boa chuva. Às 13 horas chegam na aldeia, encontrando nela apenas dois homens e mais as mulheres münkü. Os outros münkü acompanhavam de volta os iránxe, que, desencontrados do Ir. Vicente, haviam chegado na aldeia pela picada de medição. Pensavam encontrar o Ir. Vicente na picada, perdido.

O Ir. Vicente percebe, pela conversa, que os Münkü temem perder a terra. Uma das picadas de medição de Mauro Tenuta chega até à aldeia do primeiro encontro com os münkü. Felizmente a saúde de todos é boa. Tapurá já havia orientado a destoca de 300 metros para um futuro campo de pouso. Naquela noite pou-sam na aldeia.

Dia 25, pela manhã, voltam ao porto da barra do Escondido e no dia seguinte chegam a Utiariti.

Entrementes, no dia 24, os geólogos da Companhia de Prospecção de Recursos Minerais (CPRM), tendo de realizar uma viagem de pesquisa pela região, resgatam os três índios iránxe no início da picada de Mauro Tenuta. Os três sofregamente perguntam pelo

Ir. Vicente, pois a preocupação nascida na hora da separação chegou à agonia, quando chegaram à estrada e não encontraram ninguém.

ESTRADA À VISTA

Tendo notícia de que uma estrada estava sendo aberta com trator de esteira, para dar acesso às fazendas limítrofes à área münkü, o Ir. Vicente e eu resolvemos ir até o local para prevenir aos interessados sobre a área indígena.

Acompanhados pelos índios iránxe, Tupxí Maurício e Araaxí Lino, o Ir. Vicente e eu seguimos, na tarde do dia 4 de abril de 1973, com Toyota, em busca da nova estrada. Alta noite pousamos, junto a um corregozinho.

Ao clarear do dia seguinte seguimos e, pela meia-manhã, chegamos ao acampamento do pessoal que abria a estrada. Ali o cozinheiro da turma, Carolino Raimundo dos Santos, nos informa que o trator está uns 10 km na frente, trabalhando. Diz-nos ainda que o Sr. Celestino Henrique Pereira, dono da máquina e responsável pela estrada, acompanha o serviço. Fomos até ele, acompanhados por Carolino. O Sr. Celestino nos afiança que o trator pararia 20 km antes de chegar à aldeia münkü.

Damo-nos por satisfeitos e pedimos que transmitisse a notícia de nossa visita a Mauro Tenuta, também interessado naquela estrada, pois se encontraria com ele no dia 15.

Na tarde do mesmo dia estávamos de volta.

PERMANÊNCIA NA ALDEIA

Dia 9 de junho de 1973, acompanhado pelos índios iránxe Tupxí Maurício, Kayolí Inácio, Uyakuxí Armando e Kanunxí Manoel, parto para mais uma visita aos münkü, pretendendo ficar um mês entre eles. Enquanto observasse os acontecimentos da aproximação da estrada de Celestino, estudaria a língua e a situação dos münkü.

Dia 10, com o sol entrando, aportamos na barra do Escondido. No dia seguinte, despedindo-nos de Tupxi, que ficou gripado e não sobe à aldeia, e iniciamos a caminhada.

Já perto da aldeia, percebemos o corre-corre das mulheres e crianças que, acabando o seu banho, assustaram-se com o barulho da nossa chegada e pegando água às pressas, subiram de carreira para a aldeia. A certa altura descobrem que somos nós e respondem às saudações.

Chegando ao pátio, encontramos o velho chefe Ximyuí, o jovem Wātú e o menino Kiuxí. Guardamos os pertences na casinha que nos oferecem. Aos poucos vão chegando os outros. Por fim, vem Tapurá e reclama de nossa demora, mas se mostra satisfeito com nossa explicação. Logo mostra o campo com mais de 400 metros destocados a pulso e as 25 mudas de bananeiras multiplicadas das três vindas anteriormente. Também as poucas mudas de cana presenteadas pelos iránxe multiplicaram-se e alimentam à rústica moenda.

Vieram as batatas, os carás, encharcados na chicha de milho. E a noite desceu. Os iránxe e os münkü entraram pelos toques da yetá, para saírem deles só ao amanhecer. Gravo essas lindas melodias.

Pouco mais das 8 horas, os iránxe já estão de saída, de volta à barra do Escondido. Os homens münkü vão junto para pegar as ferramentas trazidas por nós. Fico, a fim de observar os trabalhos da estrada e conviver com os münkü.

No dia 5 de julho, decido-me a ir ver o trabalho do trator de esteira na estrada de Celestino. Tenho a impressão de que vinha em direção à aldeia, tal o barulho da máquina. Tapurá me acompanha. Tomamos uma picada de Mauro Tenuta, rumo ao Leste e andamos o dia todo. Pousamos junto ao córrego São João.

Às 9 horas do dia 6, chegamos à estrada. Quebramos para a esquerda e com 3 horas de marcha, alcançamos o trator. Conversamos com o encarregado do trabalho, Villa, mais conhecido como Paraguaio. Diz que o trator está passando defronte da aldeia, deixando-a a Oeste e ruma para o Norte. Estamos a menos de 10 km da aldeia.

Estourar de revolta, nada adianta. Tinham-me garantido que não chegariam a 20 km da aldeia. Quero levar o assunto às boas,

mas temos de dinamizar o mais depressa possível o campo de pouso, para casos imprevistos, podendo assim ganhar base para atendimento rápido.

Villa, a pedido meu, leva-nos à fazenda Cravari (mapa) numa pick-up, a mim e a Tapurá, e nos deixa lá, voltando ao trabalho.

No dia 7, falo pelo rádio da Cravari, chamando o avião, que está a serviço da Missão.

No dia 8, às 9 horas e 30 minutos, baixa o avião e tenho forte decepção, pois o piloto Magalhães se nega a baixar no campo feito pelos münkü, quando tínhamos anteriormente combinado o pouso. Alegou que o terreno era mole e não oferecia condições para o pouso e decolagem. Contentamo-nos com sobrevoar o campo e a aldeia, tendo idéia mais exata da estrada e das picadas de medição. Feito isso, rumamos para Utiariti e ali somos deixados.

No dia 10, uma picada de medição, reta como um tiro, nos leva organizações de missionários, voluntários leigos, nos levam de Toyota de Utiariti até o trator de Villa. Tapurá e eu pousamos no acampamento do pessoal, que trabalha na estrada.

No dia 10, uma picada de medição, reta com um tiro, nos leva em apenas três horas de caminhada à aldeia. Então percebi o quanto as picadas de medição apertavam os münkü. Tapurá leva 4 galinhas e um galo para iniciar uma criação.

Dia 13, acompanhado pelos homens münkü, desço da aldeia para a estrada em construção, tencionando achar carona, que me leve de volta a Utiariti, encerrando minha estada entre eles.

É grande a admiração dos münkü, ao verem a estrada larga e as imensas árvores tombadas. Despeço-me deles e vou andando pela estrada para alcançar o acampamento dos trabalhadores. Tapurá ia retornar logo para a aldeia com os münkü.

Pela noitinha, os münkü, liderados por Tapurá, aparecem no acampamento, dizendo que havia gente na picada deles. Eram trabalhadores, que estavam fazendo derrubada por perto.

Peço a Villa para levá-los de volta até à entrada da picada, que leva à aldeia, para lá pousarem: a permanência deles ali no acampamento seria sumamente perigosa. Villa os leva na pick-up. Pela primeira vez, os münkü andam de carro.

Somente no dia 17, consigo chegar a Utiariti.

Faço chegar à sede da 5.^a Delegacia Regional da FUNAI um ofício solicitando intervenção urgente da FUNAI na área münkü. Peço a interdição da área pelo ofício seguinte:

"Ilmo. Sr.
Cel. Olavo Duarte
5.^a DR. FUNAI
CUIABÁ - MT.

Cuiabá, 20 de julho de 1973.

Assunto: Solicita ordem de interdição da área dos índios Münkü.

PREZADO SENHOR

Responsável pelos índios Münkü, conforme Autorização n.º 42/72 de agosto de 1972 do Sr. Presidente da FUNAI, Gal. Oscar Bandeira de Melo, localizados no vale do R. Juruena, próximo à barra do R. Papagaio, cumpre-me o dever de informar V. S. que as frentes de penetração estão se aproximando rapidamente da área em que se encontram os referidos índios. Há trabalhos de demarcação e derrubadas a menos de cinco quilômetros da aldeia principal.

Já foi solicitado à FUNAI o decreto de reserva de uma área para os referidos índios. Os limites da mesma necessitam uma melhor indicação, a ser feita em breve, após consultar os próprios índios.

Entretanto, solicito a V. S., em caráter de urgência, um documento que proíba a aproximação de qualquer pessoa numa área de 20 km a Oeste e a 6 km nos demais pontos cardeais ao redor da aldeia principal, para evitar que os índios sofram as consequências do contato com as frentes de penetração.

Sendo só o que tinha a solicitar a V. S., aproveito para subcrever-me

atenciosamente

Pe. Thomas de Aquino Lisbôa, S.J.

CONTATOS INDISCRIMINADOS

Uma visita ainda em julho se tornou necessária, pois convinha que alguns índios mais acostumados com a vida dos brancos conhecessem os limites da futura reserva münkü. Assim, os índios iránxe Tupxí Maurício e Uyakuxí Armando iriam acompanhar a medição das terras de Domingos Tenuta, que se limitam com a dos münkü.

No dia 24 de julho, Tupxí Maurício, Uyakuxí Armando, Irawaxí Alonso, Yólací Atanásio, o índio nanbikuára Maracanã e eu partimos de Utiariti com o Toyota da Missão para a aldeia münkü.

Pela meia-tarde, chegamos ao acompanhamento do trator de esteira, e com mais 4 km de estrada, atingimos a picada que vai dar em cima da aldeia. Deixamos o Toyota e iniciamos a andar.

Com 45 minutos de marcha, paramos num córrego e resolvemos pousar. Dois prosseguem, para avisar os münkü de nossa chegada.

No dia seguinte, bem cedo, chegam os jovens Matií, Xinunxí e Yanãxi para pegar as panelas, que trazemos. Com hora e meia, estamos na alegria da aldeia. O menino Kiuxí, adoentado por mais de duas semanas, se sente melhor.

Tupxí e Uyakuxí, levando uma carta de recomendação minha, partem para acompanhar a medição de Domingos Tenuta, irmão de Mauro Tenuta.

Como me sinto resfriado, retiro-me a descansar. Tapurá distribui as panelas grandes, uma para cada família. Maracanã e Yólací, só de calção, vão caçar com os rapazes münkü.

De noite, os münkü e Yólací dançam ao som das yetá.

Dia 26, já bem cedo, feitas as despedidas, partimos de volta para o Toyota. Pouco antes de atingirmos a estrada, chegamos a um acampamento de trabalhadores, que derrubam a mata. Enquanto cumprimento a turma, vejo flechas münkü amarradas e guardadas sob o teto do barraco. Pergunto e me dizem que, dias antes de minha chegada, alguns índios münkü tinham chegado até ali e trocado aquelas flechas por foices velhas...

Queria evitar a todo custo atritos com a frente pioneira, mas, face ao contato indiscriminado iniciado, percebi que a medida mais

sensata foi solicitar da FUNAI a interdição da área até conseguirmos a área para os münkü.

Escrevo numa tabuleta o aviso de que a aldeia dos índios recém-contatados está muito próxima dali e que é vedado o acesso até ela. Prego a tabuleta numa árvore, na entrada da picada.

Soube mais tarde que Mauro Tenuta, querendo nome limpo frente aos bancos, alegando possíveis desgostos de fiscais, mandou retirar a tabuleta.

PRIMEIRO SURTO DE GRIPE

No dia 9 de agosto de 1973, estou em Diamantino participando da primeira reunião de pastoral indígena. Os índios iránxe Tupxí Maurício e Uyakuxí Armando nos avisam de Utiariti, através do rádio da Missão, que os índios münkü sofriam o primeiro surto de gripe. Anoitecia.

O Pe. Antônio Iasi e o Ir. Vicente prontificam-se a ir atendê-los e logo providenciam medicamentos.

Dia 10, bem cedo, o avião da Missão decola de Diamantino, levando o Pe. Iasi, o Ir. Vicente e a mim, até à fazenda Cravari, local onde havia campo de pouso mais próximo da aldeia münkü. Eram 9 horas e 30 minutos, quando lá chegamos. Logo depois, o Toyota da Missão chega de Utiariti com o índio iránxe Kapüixí Inocência e Ivar Busatto, membro da Operação Anchieta (OPAN), organização de missionários voluntários leigos. Às 13 horas e 45 minutos, estávamos almoçando no acampamento de Celestino Pereira.

Pelo trilho da medição sigo na frente para avisar os índios münkü sobre nossa chegada. Chego estando ainda claro e posso ver que os münkü aparentemente se sentem bem. Tapurá conta que no dia 26 de julho, dia seguinte ao de minha última saída da aldeia, manifestou-se um resfriado, não muito forte. Tapurá me empresta a lanterna e vou ao encontro dos companheiros. Logo estamos na aldeia. Dormimos na casa mais afastada e pouco conversamos com os münkü essa noite.

Na manhã do dia 11, feitas as despedidas, Kapüixi, Ivar e eu retomamos o caminho de volta. Pe. Iasi e Ir. Vicente ficam até o dia 18, para atender à saúde dos münkü.

Passamos pelo acampamento das derrubadas e descemos para o dos construtores da estrada. Fazemos entender o perigo de contato com os índios e insistimos que deve ser evitado. De tarde estávamos em Utiariti.

No dia 18, o Pe. Iasi e o Ir. Vicente encerram o atendimento de saúde e são levados de pick-up até a fazenda Cravari e de lá seguem de avião para Utiariti.

O Pe. Iasi deixou relatório da visita aos münkü e extraímos o que diz do dia 11 de agosto:

“Estado de saúde:

- 1 — Tapurá: Aspecto geral bom, temperatura 35,8, dentição: nenhum (duas dentaduras), tosse, dores de cabeça, garganta irritada.
- 2 — Paataú: Asp. g. bom, gorda, temp. 35,5; dentição ótima, prenúncio de bócio, tosse.
- 3 — Kamunu: Asp. g. bom, temp. 35,8; dentição ótima, tosse.
- 4 — Yaukaí: Asp. g. bom, um pouco magro, temp. 35,1, dentição péssima, tosse.
- 5 — Marikiaú: Asp. g. bom, gorda, pálpebra esquerda caída, vê bem ambos os olhos, temp. 36,2, dentição várias falhas e outros podres, tosse.
- 6 — Yemiuncí: Asp. g. bom, um pouco magra, nunca está de pé, mas sempre na rede e raras vezes sentada, temp. 36,0, prenúncio de bócio? Alguns dentes estragados, tosse.
- 7 — Yuruí: Asp. g. bom, temp. 35,2, dentes bons, tosse.
- 8 — Yananxí: Asp. g. bom, temp. 36,2, dentes ótimos, tosse.
- 9 — Kapaitaú: Asp. g. bom, olhos avermelhados, temp. 35,4, dentição apenas um incisivo inferior não obstante aparentar mais de oito meses, sem tosse.
- 10 — Yanaí: Asp. g. bom, temp. 36,4, dentição ótima, tosse.
- 11 — Makowí: Asp. g. bom, temp. 36,5, dentição ótima, queimadura quase cicatrizada no peito, tosse.
- 12 — Nankaú: Asp. g. bom, temp. 35,5, dentição: quatro incisivos sup. e dois inferiores não obstante aparentar mais de um ano, tosse.
- 13 — Ximiuí: Asp. g. bom, nariz e face algo intumescida, cabelos grisalhos na frente, dentição: várias falhas outros estragados, tosse.

- 14 — Yapoitaú: Asp. g. bom, magreza sen.l, temp. 36,3, poucos dentes, tosse, ferida no joelho esquerdo (leishmaniose, provavelmente).
- 15 — Matii: Asp. g. bom, dentição ótima, temp. 37,0, tosse.
- 16 — Kamanpiá: Asp. g. bom, temp. 35,5, dentição boa, tosse.
- 17 — Wayakú: Asp. g. bom, dentição: algumas falhas, tosse, com espinhas, temp. 35,5.
- 18 — Yapoitací: Asp. g. bom, gorda, temp. 36,0, dentição: algumas falhas, outros estragados, tosse.
- 19 — Yananxí: Asp. g. bom, bócio grande, temp. 37,0, dentes bons, tosse.
- 20 — Ximiunxi: Asp. g. bom, temp. 38,2, dentição ótima, tosse.
- 21 — Yemiú: Asp. g. bom, temp. 35,0, estrabismo do olho direito, vários dentes estragados, dois grandes incisivos sup., tosse.
- 22 — Wimnã: Asp. g. bom, temp. 36,0, dentição: muitas falhas, tosse.
- 23 — Kiuxí: Asp. g. muito magro, anêmico, temp. 36,9, dentes ótimos.
- 24 — Atucí: Asp. g. bom, temp. 36,0, dentição boa, tosse.
- 25 — Wantú: Asp. g. magro, bócio regular, braço e mão esquerda atrofiados (dizem que é de nascimento), temp. 35,9, dentição boa, tosse.

Exceto as crianças de peito, todos receberam duas injeções anti-gripais, forte dose de vitamina C, durante toda a semana e expectorante, nos quatro primeiros dias.

As temperaturas mais altas baixaram, a tosse desapareceu.

A queimadura do Makowí melhorou bem, cicatrizou quase totalmente.

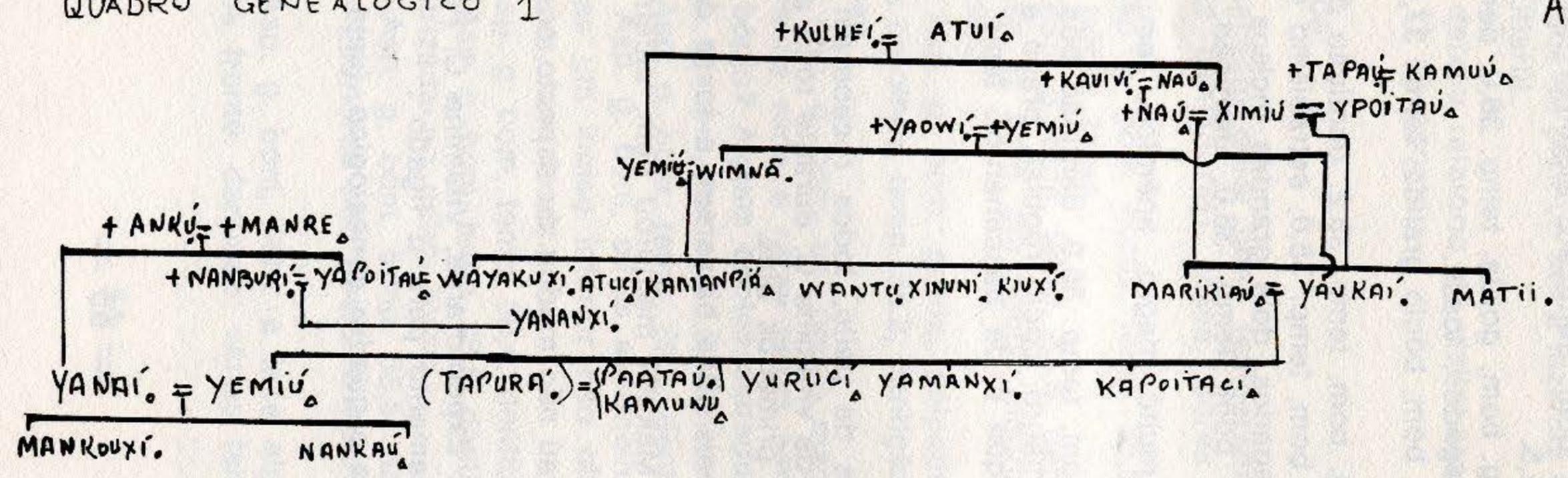
A ferida de Yapoytaú não mudou de aspecto com o tratamento externo.

É necessário levar: Expectorante, Vitamina C, Ferro, Fortificantes, Glucantime, Medicamento para o fígado”.

O Pe. Iasi fez ainda o quadro genealógico (veja quadro genealógico 1).

QUADRO GENEALÓGICO 1

AGOSTO de 1973



○ = HOMEM △ = MULHER = = CASADOS † = MORTOS — = IRMÃOS | = FILIAÇÃO () = IRANXE do CRAVARI

ALEGRIA IRÁNXE E MÜNKÜ

No dia 21 de agosto de 1973, atendemos aos desejos dos iránxe. Possibilito a ida de um bom grupo deles para a festa com os münkü. Pela primeira vez vão também mulheres e crianças.

Pela meia-manhã do dia 22, já estamos todos agrupados perto de um córrego, bem próximo da aldeia. Enquanto Tupxí Maurício, Kanunxí Manoel e outro jovem iránxe seguem na frente, para avisar os münkü, os demais pintam-se de urucu.

A chegada é verdadeira festa e os münkü oferecem muita chicha de mandioca aos visitantes. Estão bem de saúde.

Logo os homens iniciam o seu esporte mais típico: o "jogo de cabeça", com bola feita com o leite de mangabeira. Dos münkü, só os mais idosos participam do jogo, pois para os mais jovens, aquilo é novidade. Pelo meio-dia, interrompem o jogo e vão todos ao córrego banhar-se. Nas horas mais quentes conservam-se dentro das malocas, em alegre convívio. Pela tarde, voltam a jogar.

O entardecer e a noite são os momentos de maior comunicação e riqueza humana.

Pela madrugada, os homens tocam a yetá e ao amanhecer conversam muito e se despedem. Pela tarde desse dia, os iránxe estão de volta à sua aldeia, no Cravari.

CRISES DE SAÚDE

Dia 8 de setembro de 1973, com uma Kombi, parto da aldeia iránxe juntamente com Xinunxí Alípio e Kayolí Inácio, para mais uma visita aos münkü. Pelas 14 horas, deixamos a Kombi e iniciamos a andar pela picada que nos leva até a aldeia.

As 16 horas e 30 minutos, chegamos à aldeia e verificamos que os münkü se tinham retirado dela, fazia uns três dias. Com a proximidade das picadas de medição, Tapurá achou conveniente buscar outro local para morar, mais para Oeste, em direção do Papagaio.

Procuramos o caminho e verificamos ser o mesmo que trilhá-vamos para ir à barra do Escondido. Com uma hora e 45 minutos

de caminhada, chegamos onde estavam acampados, estando já escuro.

Os münkü oferecem peixe, batata doce, beiju. A conversa com Tapurá se prolonga até alta noite.

Reparamos que alguns índios tosem, um pouco gripados. Advirto a Tapurá que não convém trazer todos os índios para essa aldeia nova, pois ainda não oferece condições de boa moradia, iniciada a umidade do tempo das chuvas. Roças também não existem ainda.

Ficamos sabendo que o velho chefe Ximyuí, sua mulher Yapoytaú e seu jovem filho Matí já estavam voltando para a aldeia velha, onde abundam os alimentos. Não os encontramos pelo caminho. Yapoytaú se sente fortemente doente.

Dia 9, já cedo, abalamos todos, os visitantes e os münkü, para a aldeia velha. Chegamos quase juntos com os três, saídos no dia anterior, pois Matí teve de carregar na rede a mãe Yapoytaú.

Tiro a temperatura dos doentes, dou xarope, enquanto Xinunxí Alípio aplica injeções anticatarrais aos adultos.

Yapoytaú geme a noite toda, queixando-se de dores no estômago.

No dia seguinte, felizmente Yapoytaú aceita medicamento para as cólicas de fígado. Tomo a temperatura e ministro xarope aos mais atacados de gripe.

Deixo medicamento para Yapoytaú e às 7 horas e 30 minutos temos que iniciar nossa volta para Utiariti, pretendendo voltar o mais depressa possível para junto aos münkü.

TRÊS MORTES

Dia 17 de setembro, às 9 horas da manhã, os índios iránxe Xinunxí Alípio, Oyarakuxí Vito e Uyakuxí Miguel, Ivar Busatto e eu chegamos à barra do Escondido.

Pelo meio-dia subo com Xinunxí Alípio à aldeia, a fim de convidar, Tapurá e os que quiserem, a descer e reconhecer os limites da futura área. Os outros três permanecem no acampamento,

para limparem o terreno e colocarem uma placa indicativa da Reserva Münkü.

Ao chegarmos à aldeia nova, Xinunxí Alípio diz que tem defunto. Mostrou uma árvore de onde tinha sido tirada a casca:

— É assim que fazem para enterrar: tiram a casca dessa árvore e colocam o corpo do morto dentro dela...

Dentro da casa grande, recém-construída, no lugar onde Yapoytaú dormia, deparamos com uma sepultura recente. Xinunxí desabafou:

— Índio é assim mesmo: quando começa a morrer, morre muito mesmo!...

Proseguimos apressados. Às 17 horas, chegamos à aldeia velha. Yanãxi é o primeiro a nos ver e vai avisar Tapurá. Os outros vão chegando aos poucos.

Yanãxi conta que Yapoytaú morrera na noite da segunda-feira anterior, faz uma semana; que hoje de manhã Wimnã morreu; que Yaukaí está muito mal; que Ximyuí sente melhoras.

Mudo, cabisbaixo, sinto profundamente a hora triste da aldeia. Xinunxí Alípio quebra o silêncio:

— Vou ver a sepultura de Wimnã.

Os münkü parecem aceitar resignadamente as mortes.

Depois, Xinunxí Alípio e eu guardamos o que trouxemos e fomos atender Yaukaí. Yaukaí produz trágica impressão, como querendo escapar da pele sobre os ossos, os olhos fortemente irritados. A ronqueira e a respiração difícil oprimem-no. Tosse e escarra muito. Tem 37,5 de febre. Xinunxí Alípio aplica uma injeção anticatarral. Yaukaí aceita chicha de mandioca com açúcar e toma algumas gotas para acalmar a bronquite. Pego-o pelo braço e o ajudo a se aliviar escarrando. Pega-me a mão e com ela aperta o estômago e parece aliviar-se de fundas dores de estômago. Xinunxí Alípio acha vantajoso fazer massagens com álcool. Logo depois delas, aplicamos compressas com álcool e deixamos Yaukaí suando, acreditando que baixava a febre.

Armamos as redes e comemos batatas assadas, trazidas por Ximyuí. Não passamos muito tempo mergulhados no escuro da pequena casa, quando ouvimos gritos e choros: Yaukaí acaba de

morrer. Fico imóvel, apoiado na rede, entre os gritos e lamúrias. A triste situação supera minha capacidade de descrição.

Depois de um largo tempo imóvel, vencido pelo sono, adormeço. Acordo muitas vezes durante a noite, com a tosse dos münkü. Cada vez sinto como que uma punhalada. Não posso me conformar com a situação, se bem que agora inevitável: a morte de três münkü, dois anos e três meses depois do primeiro contato, causada por doença trazida pela chamada alta civilização.

No dia seguinte bem cedo, convido Xinunxí Alípio para atender os münkü, enquanto busco mais recursos. Não aceita, pois durante a noite, os münkü comentaram as mortes, culpando em parte os remédios dados, como causadores delas. Comentaram fortemente e um deles teria dito:

— Até parece veneno!

Assim, pelas 6 horas, nos despedimos, dizendo que voltaríamos com mais ajuda. Vamos quase às carreiras e às nove horas e 45 minutos, enxergamos o Papagaio.

A BUSCA DE SOCORRO

Xinunxí Alípio e Ivar Busatto permanecem no acampamento. Oyrakuxí Vito e Uyakuxí Miguel se dispõem a ir comigo até a reserva dos Rikbáktsa, a fim de pedirmos socorro pelo rádio da Missão.

Partimos às 10 horas e 45 minutos. Abaixo do barracão do Tibúrcio o motor apaga e vamos de bubuia. Perto do córrego Rico, já escuro, escutamos rádio na margem direita e lá aportamos. É a feitoria (casa de seringueiro) de Mané Luca. Depois da ceia e uma conversa, Mané Luca me empresta a canoa para uma viagem mais rápida que no nosso pesado barco. As 23 horas puxo no remo com Uyakuxí Miguel. Oyrakuxí Vito, com medo de tornar muito pesada a canoa, espera na feitoria a volta da canoa. Descemos com luar frio.

Dia 19. À 1 hora e 15 minutos, passamos por outra feitoria. Chamo:

— Ôo de casa!

Acordam e vêm ver. Somos logo reconhecidos pelo Gregorinho, recebidos com carinho e prestimosidade. Oferece bóia, mas aceitamos apenas um cafezinho. Perguntamos se o filho dele podia dar uma ajuda no remo e disse-nos que sim.

Já perto das 2 horas, botamo-nos Juruena abaixo, agora auxiliados pelo jovem Ubaldo. Fico no meio, Uyakuxí Miguel atrás, revezando no remo, enquanto o jovem filho de Gregorinho puxa, sem parar, na frente. Às 5 horas e 30 minutos, aportamos no Barranco Vermelho, aldeia rikbáktsa e o Pe. Balduino e Irmãs Salette e Conceição nos recebem.

Às 6 horas e 30 minutos falamos pelo rádio. O Pe. Antônio Iasi Júnior prontifica-se a atender os münkü do Escondido. Sabendo que o piloto do avião prefixo PP-STX, armado de aparato especial, aceitara, fazia meses, descer no campo de pouso dos münkü, peço ao Pe. Emílio, pelo rádio, para localizar o aviador desse aparelho, em Cuiabá. Ficamos de receber resposta às 8 horas. Das 8, passamos para as 11 horas e 30 minutos e dessa hora, para as 14 horas, sempre com o aviador desaparecido. Peço então ao Pe. Emílio para se dirigir à 5.^a Delegacia Regional da FUNAI, com sede em Cuiabá, a fim de alcançar recurso urgente. Também peço que interceda junto ao Mauro Tenuta, que conhece o piloto que procuramos. O Pe. Emílio vai ao telefone, mas Mauro responde:

— O piloto não desce e desaconselha qualquer um a descer.

Ficamos para comunicar-nos às 18 horas e 30 minutos. Mas aí continua ainda a mesma agonia: a FUNAI nada decide e o piloto não aparece.

Combinamos armar o mesmo esquema de atendimento usado por ocasião da gripe anterior dos münkü, mas com a modificação de que agora o avião desceria na fazenda São Paulo Cravari, pois aí o Toyota chegaria mais cedo. Passamos aviso ao Ir. Vicente, para que essa mesma noite dê resposta pelo telefone da torre da EMBRATEL, situada numa nascente do rio Papagaio e parta em seguida para a fazenda São Paulo Cravari. (mapa)

Dia 20. Não temos luz. Somente volta 15 minutos depois do horário da radiofonia, e não encontramos rádio no ar que nos respondesse.

Parto com a lancha, sem possibilidade de ter notícias. Apenas dias mais tarde, teria notícia de que o esquema de atendimento aos münkü funcionou perfeitamente.

No Gregorinho agradeço a mão forte do seu filho. Oyarakuxi Vito em vão lutou para pôr o motor em funcionamento. Aloujamos o barco da pacificação na lancha e pousamos no Mané Luca.

Dia 21. Agora conseguimos fazer nosso motor funcionar. Agradecemos a ajuda da lancha dos rikbáktsa, emprestada até aqui e vamos até o Tibúrcio. Tibúrcio dá mais uma olhada no motor.

Às 11 horas e 30 minutos, o barco viaja rio acima, mas durante 20 minutos apenas. Felizmente, depois de descermos de bubaia de volta ao Tibúrcio, conseguimos motor e motorista. O jovem Casimiro nos arranca das dificuldades às 14 horas e 30 minutos e vamos subindo para o porto Anchieta. No limite das terras de Domingos Tenuta, afixamos uma placa, assilando o início da futura reserva Münkü. À noite, abraço Ivar e Xinunxí Alípio na barra do Escondido.

Dia 22. Vamos ao Barreiro, a fim de afixarmos outra placa. Às 10 horas e 30 minutos, estamos voltando ao Escondido. Estamos almoçando na praia do Banho, quando aparece o Pe. Arlindo Oliveira com o índio rikbáktsa Isidoro transportando um trator Massey-Ferguson numa balsa, com destino ao Barranco Vermelho.

As 19 horas, atracamos no porto Anchieta. Jantamos e carregamos o Toyota.

Dia 23. Casimiro se despede e volta ao barracão do Tibúrcio, levando nosso agradecimento.

UM AVIÃO NA ALDEIA

Dia 26 de setembro. Conseguindo localizar Milton, o piloto do avião PP-STX, consigo contratar uma descida no novo campo dos münkü. O avião chega às 9 horas e meia a Utiariti. Viajo com ele. Depois de três voltas sobre o campo, Milton diz:

— Vou descer. — E faz o sinal da cruz.

Depois que o avião parou, aperto a mão de Milton e pergunto:

— Como está o piso?

— Está mole pacas!... — E fica preocupado com a decolagem. Calca a pista com o pé, de fora a fora.

Tapurá tinha saído a caçar com os moços. Ximyuí presenteia Milton com um arco e duas flechas e Uyakuxi lhe traz um machado de pedra. O Pe. Iasi sente-se bem com os índios, já livres da gripe.

Milton me chama e ao Pe. Iasi, para raspamos a areia acumulada na pista. À tarde, os índios voltam aos poucos da caçada e se associam a nós, retirando a areia. O teste com o avião correndo pela pista acabou em decepção: no fim do campo, as rodas afundam na areia. Largamos o trabalho e vamos para o banho. É quando Milton tem a idéia de forrarmos metade ou mais da pista com folhas. Fazemos experiência num trecho e saímos contentes, com os pneus rolando bem.

Dia 27. Cedinho começamos o trabalho e forramos mais da metade da pista. Milton, satisfeito, despede-se e, às 8 horas decola sem ter necessidade de usar todo o trecho atapetado e ruma para Utiariti, levando um bilhete meu. Nele, peço à jovem Aldir Costa, enfermeira a serviço da OPAN, que tome uma índia da aldeia do Cravari e venha substituir ao Pe. Iasi.

Enquanto espero Aldir, vou com Tapurá e Matif ver em que ponto está a nova estrada de trator. Passamos 5 marcas em pouco mais de meia hora e damos com o trator. Faltam 15 minutos para o meio-dia. Tapurá e Matif levam um bilhete ao Pe. Iasi, notificando que a estrada entra no castanhal.

Vou sozinho, pela estrada, em busca do acampamento, lá chegando às 14 horas. Villa tinha ido a Cuiabá com o radiador do trator para conserto. Tomo banho e pouso no acampamento. Chove de noite.

Dia 28. Gasto três horas para chegar à aldeia. Os índios haviam retirado todas as folhas da pista e agora afofam a terra à enxada e a aplainam, para depois socá-la. Wayakuxí com o pessoal de sua família busca batata-doce e segue para a roça nova, a fim de plantar milho. Vou com eles. Yemiú e Yapoytaú arrancam batata, Xinunxí planta milho, Yanãxi busca mel e os demais passam o tempo.

Dia 29. Xinunxí me acompanha à aldeia velha, para buscar urucu. Por pouco não matamos uma anta. De volta, sabemos que Watú suporta a febre de 40,2° C.

As 17 horas, chegam Ivar e Kapüixi, trazendo Aldir e Yalapoytasí Regina. O Pe. Iasi informa à enfermeira do estado de saúde de cada índio.

Dia 30. Às 6 horas e 15 minutos, nos despedimos e rumamos para Utiariti. A enfermeira Aldir Costa e Yalapoytasí Regina ficam com os Münkü.

MATII E YALAPOYTASI

11 de outubro de 1973. Vou com o Ir. Vicente e Luís Carlos Longo à aldeia Münkü, no Toyota do Rio Verde. Vamos até à picada do castanhal. Às 17 horas e 30 minutos, temos notícia na aldeia, que o pessoal passa bem e as duas enfermeiras muito felizes. Yalapoytasí Regina decidiu casar-se com Matí e morar na aldeia do Escondido. Eu fico na aldeia, para algum socorro, em caso de alguma doença, e os demais voltam. Os índios fazem plantações.

Dia 12. Viagem de volta da equipe de socorro. Yalapoytasí vai tratar do casamento com Matí. Permaneço com os Münkü.

Dia 19. Deveria partir entre os dias 25 e 27. Como o estado de saúde dos índios é bom, resolvo dispensar o trabalho de me buscarem e tento uma carona. Saio às 7 horas e 15 minutos com Yanãxi e Xinunxí. Chegando perto da estrada de Mauro Tenuta, os dois índios voltam à aldeia e prossigo até o acampamento da estrada.

Depois do almoço a pick-up iria se despegar para Cuiabá. Aproveito a deixa e vou até o Paredão, na reserva Iránxe. Mas, estando a casa vazia, com os índios idos ao Cravari, descanso até às 24 horas e rumo a pé, para Utiariti.

Dia 23. Recebo o Toyota do Pe. Albano Ternus, trazido a Utiariti pelo Pe. José de Moura e parto para a aldeia do Cravari, a fim de levar a família de Yalapoytasí para a festa do casamento na aldeia do Escondido.

Dia 24. Às 6 horas e 15 minutos, abalamos para a aldeia do Escondido: levo os pais Tāmuxí Luís e Atuci Aureliana e a jovem Yalapoytasí Regina. Às 17 horas e 30 minutos, chegamos à aldeia do Escondido, de surpresa.

Não entendo muita coisa do cerimonial, porque não tenho informante. Tamuxí fala e chora, bem como Atucí. Assisto sentado num banco. Quase todos os adultos falam e choram. Tapurá não quer Yalapoytasí na aldeia e discute com Tāmuxí. Tāmuxí me

chama para testemunha do que vai falar a Tapurá. Diz-lhe que não levará Yalapoytasí Regina de volta, pois já estava tudo combinado. O que reparo é que Yalapoytasí Regina destoa das demais mulheres, pois veste roupa. Yalapoytasí recebe muitos conselhos.

Atravessam a noite tocando a flauta yetá, que as mulheres não podem ver.

Dia 25. Pouco mais das 7 horas, entrego a responsabilidade dos doentes a Yalapoytasí Regina, depois de lhes mostrar os remédios. Tapurá, Yanãxí, Xinunxí e Matí nos ajudam a levar os xires ao Toyota.

RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

De 30 de dezembro de 1973 a 9 de janeiro de 1974, o Pe. Iasi assiste aos münkü do Escondido. Utilizou a via fluvial, subindo a picada do córrego Escondido. Encontrou o grupo bem de saúde, com caça regular, milho verde em abundância. Mesmo com fortes chuvas, ninguém se sentiu gripado ou resfriado. O problema da terra continua.

De volta a Cuiabá, pelo dia 15 de janeiro, o Pe. Iasi deu entrevista ao correspondente de O Globo. Entre outras coisas, disse que a área dos Münkü estava toda loteada e seria ocupada pelos "donos" brancos dentro em breve, após as chuvas, quando muito.

Na FUNAI, o Pe. Iasi nada soube quanto à reserva ou interdição da área pedida, não obstante uma dezena de vezes que esteve lá, no ano de 1973.

No dia 21 de fevereiro de 1974, a FUNAI envia um dos seus funcionários, o Tenente Sérgio Fernandes, para sobrevoar as aldeias dos Münkü do Escondido e verificar a área pedida como reserva.

Sabedores da viagem, por via indireta, pedimos pelo rádio, que o Pe. Emílio avisasse ao tenente que passasse por Diamantino, pois tínhamos comunicação urgente a lhe fazer. Assim foi feito e o avião desceu em Diamantino. Ali ficou resolvido que o Pe. Iasi e eu fôssemos juntos no sobrevôo. Com isso, Tupxí Maurício e Araaxi Lino, que vinham de Cuiabá no avião, cederam seus lugares e fica-

ram em Diamantino. No sobrevôo, nenhum de nós viu índio. Acreditamos que estavam andando entre as duas aldeias, naquela hora.

Além das aldeias, verificamos o trajeto da estrada em construção e nada mais. Aliás, não ficamos sabendo bem a finalidade exata daquele sobrevôo.

Em fins de fevereiro, o Pe. Iasi está novamente entre os índios münkü. Esse era o tempo melhor para localizar as cabeceiras dos córregos afluentes da margem direita do Papagaio. Localizou-as, com a ajuda dos índios e certificou-se de que parte das terras pretendidas por Mauro Tenuta, chegavam até essas cabeceiras, o que até então era negado. Com isso, ficou claro que a futura área para os Münkü devia abranger as terras desde as cabeceiras dos córregos afluentes do Papagaio pela sua margem direita. Com isso, ficava excluída a possibilidade de, num futuro bem próximo, os índios terem poluídas as águas dos seus córregos. Aí Tapurá cortou uma árvore na altura de um metro e deu ao tronco nativo a forma de um marco. O próprio Tapurá denominou-o "marco Padre Iasi".

No dia 9 de março, aproveitando um vôo, lanço sobre a aldeia um bilhete escrito, dizendo ao Pe. Iasi que poderia subir para o acampamento da estrada de Celestino, pois eu ali chegaria dentro de dois ou três dias a fim de buscá-lo.

No dia 11, com Kapüixi Inocência e Carlos, vou de jeep buscar o Pe. Iasi. Com o córrego Diolicinho transbordando, fomos a pé os últimos 20 km e pousamos no mato. No dia seguinte, prosseguimos e com meia hora de caminhada, chegamos ao acampamento.

O Pe. Iasi já estava lá aguardando nossa chegada. Antes de viajarmos, ele escreve um bilhete para Yalapoytasí Regina ler para Tapurá:

"O Paraguaio está autorizado a chegar até a aldeia atual, junto com mais duas pessoas, para levantar uma linha que venha da aldeia até a primeira medição acima da aldeia, pois até essa medição vai chegar o trator. Depois ele vai descer pela medição, mas não vai entrar na aldeia. O Paraguaio vai só fazer a linha que liga a aldeia até o ponto em que o trator chegar na primeira linha, como já falei."

Villa, o Paraguaio, também ficou bem ciente de toda a questão e iria aguardar uma próxima vinda nossa trazendo dados mais concretos sobre a área a ser interditada. Agora, com a localização

das cabeceiras dos córregos, tínhamos certeza de que os Münkü não seriam obrigados a deixar a sua aldeia. Também escrevi, dizendo que, dentro de três semanas, iria novamente à aldeia. Villa fica de levar os bilhetes e gentilmente nos leva de carro até o Diolicinho, onde se encontra o nosso jeep. Villa passa bom trabalho, pois em alguns lugares a água na estrada sobe até um metro, e na grande estiva, os paus bóiam.

As 18 horas 30 minutos, chegamos à aldeia Iránxe do Cravari.

O ESBULHO DA ALDEIA

Somente no dia 3 de maio de 1974, pude iniciar viagem para visitar os münkü, acompanhado por Yanãxi Aníbal e Ulimnã Zezinho. Com a estrada ruim, não conseguimos chegar nem ao acampamento atual da estrada. Pousamos no caminho.

Dia 4, chegamos ao atual acampamento, ainda escuro. Os peões já estavam de pé, tomando cafezinho. Pergunto por Villa. Dizem que chega logo, pois se encontra noutra rancho. Aceitamos o café. Villa chega, cumprimenta, toma chimarrão. Participo do chimarrão. Iniciando a conversa, pergunto se a estrada chegou no ponto combinado, isto é, a 2 km da aldeia. Villa toma ar sério e diz:

— “Agora eu vou falar, padre. Tenho ordem de não deixar o senhor passar por aqui. Se o senhor quiser ir na aldeia, pode dar volta pelo Papagaio.”

Admirado, respondo que fico ciente do aviso, mas que, estando ali, seguiria até a aldeia. Digo que Mauro Tenuta poderia ter-me avisado de outro modo, por rádio, telefone. Acrescento que Mauro aparece por momentos no campo de trabalho e não conhece a situação dos índios.

Villa bate no meu ombro e diz:

— “O senhor tem razão.” — E insiste que é bom eu não ir.

Agradeço, despeço-me, entro no jeep. Na dúvida, pergunto a Yanãxi Aníbal:

— “Vamos?”

— “O senhor é que sabe.”

Dou a partida e início a ida para a aldeia mas logo na frente apago o motor, pensando que poderia faltar combustível para nossa volta. Vamos a pé. A pick-up volta da frente de trabalho para o acampamento com tambores vazios, para levá-los a Cuiabá. Os ocupantes da pick-up nos olham com espanto. Com uma hora e quinze minutos, atingimos a aldeia. Grito como os münkü costumam fazer e não há resposta. Vamos chegando mais perto e notamos dois homens de pé, observando o trabalho do trator de esteira, sem nos perceber. A aldeia estava destruída. Encostamos neles e perguntamos pelos índios. Respondem que estão na outra aldeia.

Pergunto se não sabem da combinação de levarem a estrada até dois quilômetros e deixarem intata a aldeia. Respondem que a FUNAI dera ordem.

Digo que por entrar a FUNAI na questão, não trato mais do assunto, do contrário, o trator pararia ali mesmo. Contestam que param só com ordem de Mauro e têm ordem dele de me impedir de passar para a aldeia.

Digo que só me amarrando a uma árvore é que não vou. Retrucam que na próxima vez eu deverei trazer ordem por escrito.

Digo que, para mim, Mauro não era nada naquela questão, e a palavra decisiva é da FUNAI.

Dizendo isso, vamos tomando a picada em direção à aldeia. Reparei que já haviam construído uma casa coberta de zinco e de brasilite, com caixa d'água e bomba d'água instalada no córrego, onde os münkü apanhavam água e tomavam banho. Era a sede da já então falada "Fazenda Maloca".

Para fazer tudo aquilo, os trabalhadores de Mauro já deviam estar ali fazia mais de vinte dias, perturbando o sossego da vida münkü, que ali permaneceram até dois dias atrás. Acabava de ser consumado o frontal desrespeito a tudo o que havíamos combinado.

Com duas horas de caminhada, sou surpreendido noutra admiração: os münkü índios e índias vestidos. Tapurá, frente ao meu espanto, conta que Mauro chegou, disse que a FUNAI mandou que abandonassem a aldeia. Prometeu e deu 10 sacos de arroz, 8 sacos de açúcar, 10 sacos de farinha de mandioca, 1 saco de feijão, alguns facões, machados e foices, calças, camisas e botinas. Por isso, deixara a aldeia fazia dois dias.

Penso: o altivo chefe, que fez parar e voltar a turma de medição, teve que aceitar a humilhação de deixar sua rica aldeia, repleta de mantimentos, só porque lhe mentiram que era ordem do governo.

Explico a Tapurá o engano de Mauro e como a aldeia já está destruída. Digo que precisa ir imediatamente a Cuiabá, representar a necessidade dos Münkü à FUNAI. Aceito ir comigo.

Passando pela aldeia arrasada, pelo meio-dia, recebemos convite para almoço. Com fome, aceitamos, lembrando-me da frase: "O operário é digno do salário".

A QUEIXA-CRIME

Pela tarde do dia 6 de maio, Tapurá e eu estávamos em Cuiabá. Ainda de tarde falamos com o delegado da 5.^a DR da FUNAI, Gerson da Silva Alves. Frente à gravidade da questão, Gerson pede que voltemos às 8 horas do dia seguinte.

Vou ao escritório de Mauro Tenuta. Pegamos em forte discussão. Em certo momento entra o advogado, Maurício Tenuta, irmão de Mauro, tendo na mão o texto da queixa-crime contra mim, e grita:

— "Vai embora daqui!"

— "A casa é sua?" — Pergunto.

Agora é o próprio Mauro que me manda embora. Agradeço o tratamento, pergunto se não têm mais recado para mim e saio. Era noite.

No dia 7, pela manhã, o jornalista Mário Chimanovitch, correspondente de "O Estado de S. Paulo" em Cuiabá, me visita na casa da Missão. Mostra-me uma cópia da queixa-crime, perguntando-me, nervoso, o que sucedia. Mário era nosso amigo, grande defensor da causa indígena. Li a queixa-crime e, depois, mostro-lhe um escrito que eu havia feito, narrando o esbulho da aldeia e fotografias da aldeia destruída. Digo-lhe que tenho intenção de publicar o fato em algum jornal local. Mário falou exaltado:

— "Que jornal local, que nada! Esse fato tem que ser jogado na imprensa nacional e internacional, para mostrar como estão conquistando a Amazônia."

Depois, perguntou-me:

— “Posso levar este escrito e estas fotografias?”

— “Pode.” — Respondi-lhe.

Mário saiu apressado.

Na 5.^a DR da FUNAI, Tapurá e eu somos ouvidos pelo delegado Gerson e o advogado Corbelino. Este pede fotos, um relatório e o nome de quatro testemunhas para a FUNAI. Dou-lhe fotos e cito os nomes Antônio Iasi Júnior, Ivar Luís Busatto, Aldir Mariano da Costa e o meu, como testemunhas. Tapurá apresenta um croqui feito por ele mesmo e explica o ocorrido.

Soubemos ali, que Mauro Tenuta, pelo advogado Maurício Tenuta, apresentou queixa-crime à Secretaria de Segurança de Mato Grosso, acusando-me de incitar os índios à subversão. As quatro laudas da queixa-crime, firmadas pelo fazendeiro Mauro Tenuta, foram enviadas à Delegacia da Polícia Federal, à FUNAI, ao 16.º Batalhão de Caçadores de Cuiabá e ao Sr. Arcebispo de Cuiabá.

Pela noite, telefono para o Pe. Iasi, em Brasília pedindo sua intervenção junto ao Presidente da FUNAI, Gal. Ismarth, a fim de alcançar a interdição da área münkü.

Dia 8, a meu pedido de presença de alguém da FUNAI para testemunha dos acontecimentos, o delegado Gerson designa Reginaldo Flores da Costa para acompanhar Tapurá e a mim num sobrevôo à aldeia destruída. Constatado o fato, Tapurá e eu fomos deixados em Utiariti, enquanto Reginaldo volta a Cuiabá.

Nesse mesmo dia 8, a edição de “O Estado de S. Paulo” traz a primeira de uma série de denúncias sobre o ato de violência de Mauro Tenuta. Também traz um trecho da queixa-crime:

“Inicialmente existiam apenas 8 indígenas e mais crianças; o querelado (o padre Thomaz), usando de falsa missão, levou para ali mais dois indígenas, sendo uma mulher aculturada de nome Regina e um senhor idoso por nome de capitão José, cujo aldeamento está situado ao lado da propriedade de Mauro Tenuta. Ocorre que o querelado, além de não prestar nenhuma assistência aos indígenas, ou seja, alimentação, vestimentas ou, quando menos, alguma mensagem cristã, vive a usar aqueles pobres indígenas e a insuflá-los contra os trabalhadores dos querelantes (os dois fazen-

deiros), sendo que dois desses mesmos indígenas se encontram em péssimo estado de saúde e sem nenhuma assistência por parte do padre Thomaz”.

INTERDIÇÃO DA ÁREA

O presidente da FUNAI recebe a denúncia do Pe. Iasi e pede ao Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, a interdição dos 35 mil hectares habitados pelos Münkü.

No dia 16 de maio, o Presidente da República interdita a área münkü:

“DECRETO n.º 74.074 — de 16 de maio de 1974

Interdita, para fins de atração e pacificação de grupos indígenas, a área que discrimina, no Município de Diamantino, Estado de Mato Grosso.

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição e tendo em vista o disposto em seus artigos 4.º, item IV e 198, bem como o que consta da Exposição de Motivos n.º 1062-MINTER de 9 de maio de 1974, do Ministro de Estado do Interior, decreta:

Art. 1.º — Fica interditada temporariamente, para efeito das providências de atração e pacificação do grupo indígena Münkü, a área situada no Município de Diamantino, Estado de Mato Grosso, compreendida pelos seguintes limites:

Norte: Partindo da margem direita do Rio Papagaio na divisa das terras de Domingos Tenuta, no ponto de coordenadas: 12º 09' 54" S e 58º 41' 48" W (M1) segue por uma linha reta e seca rumo geral leste, pela divisa das terras de Domingos Tenuta, numa extensão de 12.000 metros, até o ponto de coordenadas: 12º 09' 54" S e 58º 35' 03" W (M2);

Leste: Deste ponto, por uma linha seca, ligando as cabeceiras dos córregos da margem direita do Rio Papagaio, numa extensão aproximada de 22.700 metros, até atingir a cabeceira de um afluente do Rio Papagaio, no ponto de coordenadas: 12º 20' 35" S e 58º 29' 43" W (M3);

Sul: Deste ponto, desce este afluente até a sua confluência com o Rio Papagaio no ponto de coordenadas: 12° 09' 54" S e 58° 41' 43" W (M1).

Art. 2.º — A Fundação Nacional do Índio, no exercício do poder de polícia conferido pelo artigo 1.º, item VII, da Lei número 5.371, de 5 de dezembro de 1967, poderá solicitar a cooperação das Forças Armadas e Auxiliares e da Polícia Federal, nos termos do Art. 34, da Lei n.º 6.001, de 19 de dezembro de 1973, no sentido de que sejam impedidos ou restringidos o ingresso, o trânsito e a permanência de pessoas ou grupos cujas atividades sejam consideradas nocivas ou inconvenientes ao processo de atração e assistência aos índios, na área ora interdita.

Art. 3.º — A Fundação Nacional do Índio promoverá a demarcação administrativa das terras efetivamente ocupadas pelo grupo indígena Münkü, nos termos do Art. 19 e parágrafos da Lei número 6.001, de 19 de dezembro de 1973 (Estatuto do Índio).

Art. 4.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 16 de maio de 1974; 153.º da Independência e 86.º da República.

ERNESTO GEISEL

Maurício Rangel Reis".

O Art. 1.º desse Decreto foi alterado por outro Decreto N.º 75.136 — de 23 de dezembro de 1974, onde as coordenadas são retificadas.

A REINTEGRAÇÃO DE POSSE

A assessoria da 5.ª DR da FUNAI encaminha uma petição à justiça Federal e outra à Delegacia Regional da Polícia Federal de Cuiabá, pedindo simultaneamente a manutenção de posse da área ocupada pelos Münkü. Solicitou enquadrar o fazendeiro Mauro Tenuta no Art. 25 do Dec. 5.848, por haver invadido e depredado área e patrimônio indígenas.

Enquanto isso, eu estava de volta junto aos Münkü e aguardava na aldeia o resultado da questão.

No dia 22 de maio, recebo recado urgente: tenho de me apresentar à polícia federal de Cuiabá.

No dia 24, enquanto viajo para Cuiabá, o Pe. Iasi se apresenta na aldeia destruída com três elementos da polícia federal de Cuiabá, para a perícia.

No dia 27 deponho na polícia federal, em Cuiabá, e os três elementos da polícia federal e o Pe. Iasi voltam da perícia.

No dia 29 de maio, pelas 9 horas, tem início a audiência na Justiça Federal. Mesmo faltando duas das testemunhas arroladas, Ivar Luís Busatto e Aldir Mariano da Costa, o juiz, Dr. Clóvis de Mello, se contenta com meu depoimento e o do Pe. Iasi. A audiência termina pelas 13 horas e 30 minutos. Tivemos o apoio moral de Nelson Secchi, Edwiges Unfried e Noili Treuhertz, voluntários da Operação Anchieta (OPAN), presentes durante toda a audiência.

Dois dias depois, o juiz, Dr. Clóvis de Mello, concede liminar de reintegração de posse.

No dia 6 de junho, o Pe. Iasi acompanha o oficial de Justiça à área de litígio para o ato de reintegração de posse. No próprio barracão, construído por Mauro Tenuta, foi firmado o ato:

“Auto de reintegração de posse — Aos seis dias do mês de junho do ano de hum mil novecentos e setenta e quatro, eu, oficial de Justiça Federal deste Juízo abaixo assinado, dando cumprimento ao R. despacho exarado pelo MM. Juiz Federal Substituto do Estado de Mato Grosso, nos autos de Manutenção de Posse, em que são parte Fundação Nacional do Índio e réu Benedito Mauro Tenuta e sua mulher Regina Marques Tenuta, em cumprimento ao respeitável mandado, dirigi-me ao Município de Diamantino neste Estado, e sendo ali procedi à Reintegração de Posse dos Índios do grupo “Münkü”, representados pela Fundação Nacional do Índio, na pessoa do seu representante legal, uma área de terras situada à margem direita do rio Papagaio, na confluência dos Córregos Seco, Escondido e Barreira, no Município de Diamantino.

Reintegração de Posse feita sem nenhuma oposição. Para constar, lavrei o presente Auto de Reintegração de Posse, que vai

assinado por mim e pelo representante da Fundação Nacional do Índio. O referido é verdade e dou fé. Diamantino Mt, 6 de junho de 1974.

Ass. João Mariano Pires, Oficial de Justiça Federal PJ-7
Antonio Iasi Jr. Representante da Funai”.

A ÁREA MEDIDA E DEMARCADA

Por quase dois anos, desde a interdição da área, os Münkü tiveram sossego, quanto à situação da terra.

Em fins de fevereiro de 1976, o fazendeiro Orlando Peraro procurou-me para falar, acompanhado de seu advogado Alfredo Antonio Canever. Na ocasião eu estava com os münkü na aldeia reconstruída. Orlando Peraro queria saber se a área interditada abrangia parte das terras que ele havia adquirido, fazia pouco. Eram dois lotes de terras, iguais em tamanho às de Mauro Tenuta, e situados paralelos ao dele.

Abri o mapa da área, feito à base do decreto de interdição e confirmei para Orlando Peraro que parte dos dois lotes de terra adquiridos por ele, ficavam dentro da área interditada e ali ele não podia mexer, enquanto a área não fosse definitivamente demarcada.

Ele ficou muito desgostoso com essa notícia e se declarou um terceiro de boa fé na compra daqueles lotes e não tinha sido avisado do fato. A isso, eu disse que, sem certidão negativa, expedida pela FUNAI, era muito arriscado comprar terras naquelas regiões.

Então ele pediu permissão para que, ao menos, os seus homens entrassem na área e medissem o montante de terra que ele, eventualmente perderia, quando a FUNAI demarcasse definitivamente a área münkü.

Eu respondi que isso só a FUNAI poderia permitir.

Então, convidou-me a ir até Cuiabá para, juntos, apresentarmos na 5.^a DR essa petição. Com a anuência dos münkü eu me dispus a isso e fui a Cuiabá no avião alugado por ele.

O delegado da 5.^a DR, Cel. Rubens Pinho de Castro e Silva autorizou que Orlando Peraro realizasse o que pretendia, desde que em nada prejudicasse os interesses dos münkü.

Voltando para junto deles, comuniquei-lhes a resolução da FUNAI. Tapurá decidiu então dar início a uma picada de medição na linha do divisor das águas dos córregos, exatamente onde necessitava uma definição de limites, através de uma linha seca, delimitando a área indígena. Nos outros pontos da área não havia dúvidas, pois eram limites naturais do rio Papagaio e córrego Águas Claras, e limites já determinados de terras de fazendas vizinhas. Na intenção de Tapurá, a picada realizada pelos münkü daria a base para o serviço de topografia desejado por Orlando Peraro.

De 20 a 27 de março, acompanhei os homens münkü nesse trabalho, que demos por quase terminado ao voltarmos para a aldeia, pois faltou pouco para atingirmos as cabeceiras do Águas Claras.

Nos primeiros dias do mês de abril, o topógrafo Nelson, contratado por Orlando Peraro, para realizar o levantamento das linhas dos lotes de suas terras, aparece na área com pessoal e aparelhamento. Saem na picada recém-aberta pelos münkü e vão até o fim dela na esperança de encontrar os índios. Isso não se deu, pois já havíamos deixado o serviço, descendo pelo córrego Águas Claras até o Papagaio. Lá, o Ir. Vicente recolheu-nos no barco a motor e descemos até ao Escondido.

Dias depois, Nelson procurou-nos e disse que já haviam andado pela picada recém-aberta pelos münkü e que seria necessário somente fazer o levantamento topográfico dela. Tapurá e o Ir. Vicente se prontificaram a acompanhar o serviço para não haver dúvidas quanto ao rumo.

Estiveram no serviço somente dois dias, pois Tapurá percebeu que na medida em que o serviço adiantava, Nelson derivava cada vez mais a direção da picada rumo ao Papagaio. Tapurá então interferiu dizendo-lhe:

— Está errado... é por aqui!... — E indicou com a mão o rumo a seguir.

Nelson apelou para o aparelho, dizendo a Tapurá que ele, Tapurá, é que se enganava.

Tapurá, incontinentemente, abandonou o grupo de medição, reafirmando que estava errado e que deviam parar e sair da área. Ir. Vi-

cente acompanhou-o, mas antes de sair, deixou-claro para o Nelson que Tapurá estava zangado e que, se não pa'sse imediatamente o serviço, os münkü viriam obrigá-lo a desistir.

No dia 10 de abril, os münkü, pintados de urucu, com muitas flechas e arcos, vão até a picada onde estão os medidores. Tapurá falou sério sobre o desgosto que estavam sentindo, devido à direção tomada pela picada, desrespeitando o trabalho já feito por ele. Meteu medo no pessoal, marcando prazo para saírem. Feito isso, prosseguiram na caminhada, indo caçar e pescar.

Nelson levanta acampamento.

No mês de maio, depois de 2 anos de silêncio, Mauro Tenuta comunica-se comigo, propondo pagar o custeio da medição e demarcação de toda a área destinada aos münkü, pois a interdição só seria suspensa após a medição e demarcação da área, com o conseqüente decreto presidencial, oficializando-a. Enquanto isso não fosse efetuado, nem ele, nem Orlando Peraro poderiam mexer nas suas áreas.

Nesses dois anos passados, a FUNAI sempre alegou falta de recursos para os trabalhos de medição e demarcação. Assim, Mauro Tenuta viu-se forçado a pagar esse serviço.

Respondi-lhe que apresentasse a sua decisão à presidência da FUNAI, pois dela dependia aceitar ou não a proposta.

No dia 31 de maio eu estava em Brasília, levando a proposta concreta de Mauro Tenuta. A isso me dispus, pois era de interesse para os münkü que o decreto oficial da área münkü saísse o mais rapidamente possível, terminando qualquer discussão a respeito.

A FUNAI aceitou a proposta, em princípio, mas exigiu a presença de Mauro Tenuta em Brasília, para efetuarem o acordo.

Mauro Tenuta, em Brasília, assinou o acordo com a FUNAI, no sentido de, obedecendo todas as exigências de medição e demarcação das áreas indígenas feitas pela FUNAI, pagar um topógrafo e todas as despesas para o serviço de medição e demarcação da área münkü.

Nos primeiros dias de julho, o servidor da FUNAI, Ronaldo Quirino Nascimento, do Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGP), e outro elemento, estavam na aldeia münkü comunicando-se

com os índios e dando-lhes notícia de que, para breve, iriam começar os trabalhos de medição e demarcação definitiva da área deles.

Tapurá fez questão de levar Quirino e seu companheiro até o local onde tinha havido o anterior desacordo entre ele e o topógrafo Nelson. Quirino foi ao local, aceitou a indicação de Tapurá e, para evitar dúvidas, aceitou como primeiro marco, "o marco Pelasi", apontando o rumo indicado por Tapurá.

Mauro Tenuta contratou o mesmo topógrafo Nelson para realizar o serviço e eu, logo que soube disso, desaconselhei que fosse ele, pois já havia entrado em conflito com os münkü no anterior trabalho para Orlando Peraro. Alegando que não havia outro, enviou o Nelson mesmo. Porém ele não chegou a iniciar o trabalho. Tendo chegado na área com o pessoal e mantimento, abandonou o trabalho e desapareceu de lá e não deu mais satisfação.

Na segunda quinzena de outubro, o topógrafo Pedro Negretti chegou na área e iniciou os trabalhos de medição e demarcação, tendo antes comunicado a Tapurá e demais münkü que ele ia fazer o serviço como eles queriam.

De fato, dias depois de iniciado o trabalho, Tapurá e os demais foram até onde estavam os picadeiros e mostrarm-se muito satisfeitos com os 6 metros de largura da picada e com o rumo certo, através do divisor das águas. A convite de Pedro Negretti, os münkü foram até as cabeceiras do Águas Claras, apontando o rumo para os picadeiros.

Os serviços iniciados foram interrompidos pelo dia 10 de novembro, quando, tendo atingido as cabeceiras do Águas Claras, Pedro Negretti recolheu os seus homens e foi para Cuiabá para as votações do dia 15 de novembro.

Nos primeiros meses de 1977, foram feitos os trabalhos de demarcação, sendo colocados os marcos de madeira e de cimento.

Na data de 8 de março de 1977 o delegado da 5.^a DR, Cel. Rubens Pinho, recebeu os autos da medição e demarcação da área münkü.

Para efeito jurídico, sai em 11 de janeiro de 1978 o edital de demarcação administrativa e memorial descrito da área münkü, editado no Diário Oficial de 23 de janeiro de 1978, na p. 21:

“Ministério do Interior — Fundação Nacional do Índio — FUNAI
— EDITAL

O Presidente da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI, de acordo com o que dispõe o artigo 5.º do Decreto número 76.999 de 08.01.1976 leva ao conhecimento público que fará proceder a demarcação administrativa da área indígena denominada MÜNKÜ localizada no Município de Diamantino, Estado de Mato Grosso, nos termos da delimitação a este anexa.

Brasília, 11 de janeiro de 1978.

JOÃO CRISÓSTOMO DA SILVA — Presidente em Exercício.

MEMORIAL DESCRITIVO
ÁREA INDÍGENA MÜNKÜ
MUNICÍPIO DE DIAMANTINO — MT.

ÁREA: 47.094 has. — 8.647 m² — Perímetro: 92.195 m.

NORTE — Partindo-se do marco n.º 1, situado na margem direita do Rio Papagaio na divisa sul das terras de DOMINGOS TENUTA NETO; daí, percorrendo-se pela referida divisa no rumo de 81º 31' NE, encontra-se a uma distância de 11.000 m. o marco n.º 2.

LESTE — Deste ponto, percorrendo-se uma linha seca de rumo de 16º 30' SW, encontra-se a uma distância de 8.700 m o marco n.º 3; daí, percorrendo-se uma linha seca de rumo de 48º 30' SE, encontra-se a uma distância de 11.375 m o marco n.º 4; daí, percorrendo-se uma linha seca de rumo de 3º 30' SW, encontra-se a uma distância de 9.120 m o marco n.º 5; daí, percorrendo-se uma linha seca de rumo 6º 30' SE encontra-se a uma distância de 1.570 m o marco n.º 6 situado na margem direita do Córrego Águas Claras.

SUL — Deste ponto, seguindo-se o referido córrego a jusante, pela margem direita encontra-se a uma distância de 25.680 metros o marco n.º 7, situado na confluência do Córrego Águas Claras com o Rio Papagaio.

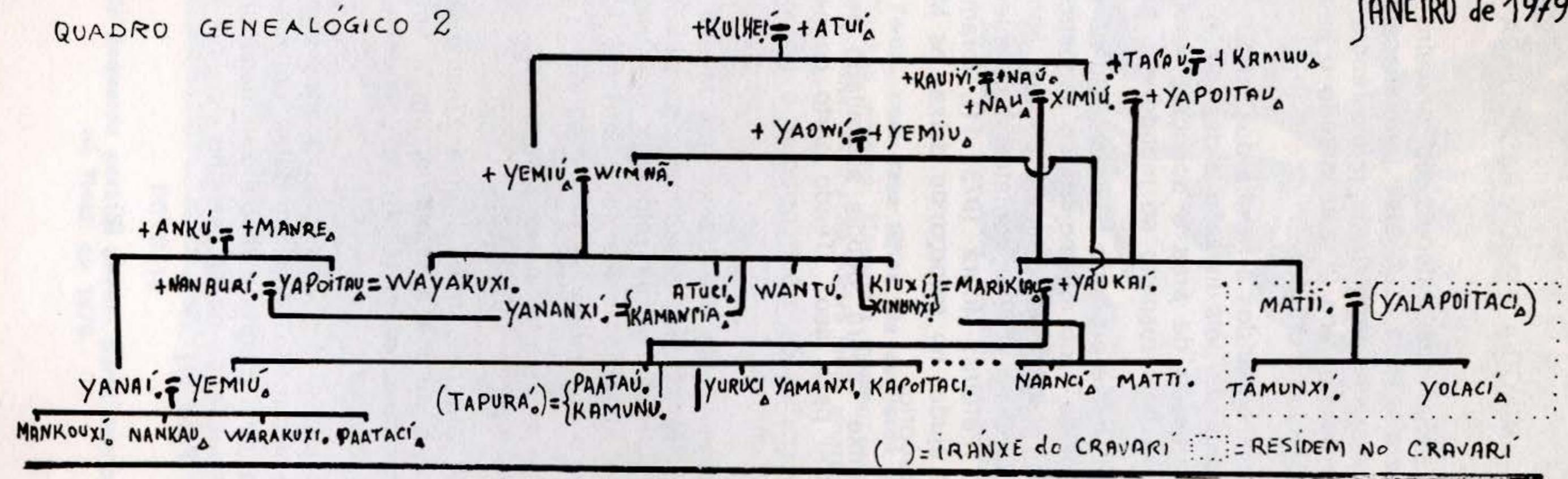
OESTE — Deste ponto, seguindo-se o Rio Papagaio a jusante, pela margem direita, encontra-se a uma distância de 24.750 m o marco n.º 1, ponto inicial desta descrição perimétrica.

Brasília, 11 de janeiro de 1978.

JOÃO CRISÓSTOMO DA SILVA
Presidente em Exercício”.

QUADRO GENEALÓGICO 2

JANEIRO de 1979



MINORIA ÉTNICA RESPEITADA

Hoje, mais de 7 anos depois do primeiro contato com os Münkü, noto, com alegria, que eles permanecem com seu modo tribal de vida, sem uma acentuada interferência nossa, em maior número (quadro genealógico 2) e mantendo o seu território, agora medido e demarcado. (Foto 18)

Os tropeços acontecidos à revelia dos nossos propósitos, como a perturbação causada pela invasão e destruição da aldeia, os impasses na demarcação da área e doenças, serviram para tirar a ilusão dos Münkü com respeito ao mundo dos brancos.

A ajuda dos Iránxe em todo o andamento do trabalho foi decisiva, pois são índios e do mesmo tronco lingüístico que os Münkü. Os Iránxe, que tiveram o seu primeiro contato com o civilizado em 1928 (Schmidt 1938-41: 259) e contatos mais intensos com eles a partir de 1948 (Pereira; Moura 1975: 11), foram os primeiros a apoiar e a nos ajudar no esforço de deixar os Münkü com o seu modo de vida próprio.

O índio iránxe Tapurá, depois assimilado pelo grupo Münkü, muito nos ajudou para isso. Tendo certo conhecimento da vida civilizada e do português, pôde orientar o grupo Münkü nos primeiros anos de contato.

As numerosas visitas dos Iránxe aos Münkü favoreceram aos dois grupos: os Iránxe, já em processo de desvitalização cultural, receberam um novo ânimo na retomada dos traços culturais próprios; os Münkü, alertados pelos seus patrícios, foram incentivados a não deixarem o seu modo de vida próprio:

— “Vida de branco é muito complicada. Vamos deixar os nossos patrícios viver a vida deles.”

Essa frase, dita pelo índio iránxe Xinunxí Alípio, confirma a validade da nossa atitude missionária, agora apontada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI): o conhecimento e o respeito pelas minorias étnicas.

Meu nome münkü é Yaúka e há 3 anos vivo com eles esforçando-me para ser aceito como um deles, em *missão calada*, tendo condições para, com alegria e respeito, ir descobrindo as sementes do Verbo já depositadas nesse restinho de Javé que vive as bem-aventuranças. (Foto 17)



FOTO 17

Yanã e esposa Yemiú, com seus filhos (da esquerda para a direita) Warakuxí, menino; Nankau, menina; Mankouxí menino (nascido antes do 1.º contato) e Paataci, menina. Vacinação contra febre amarela (agosto de 1978).



FOTO 18

Yaúka, o quarto da esquerda para a direita, participando da alegria Mükü no Natal de 1976.



Foto 19: Pe. Thomaz com índios Münkü e Salumã

BIBLIOGRAFIA

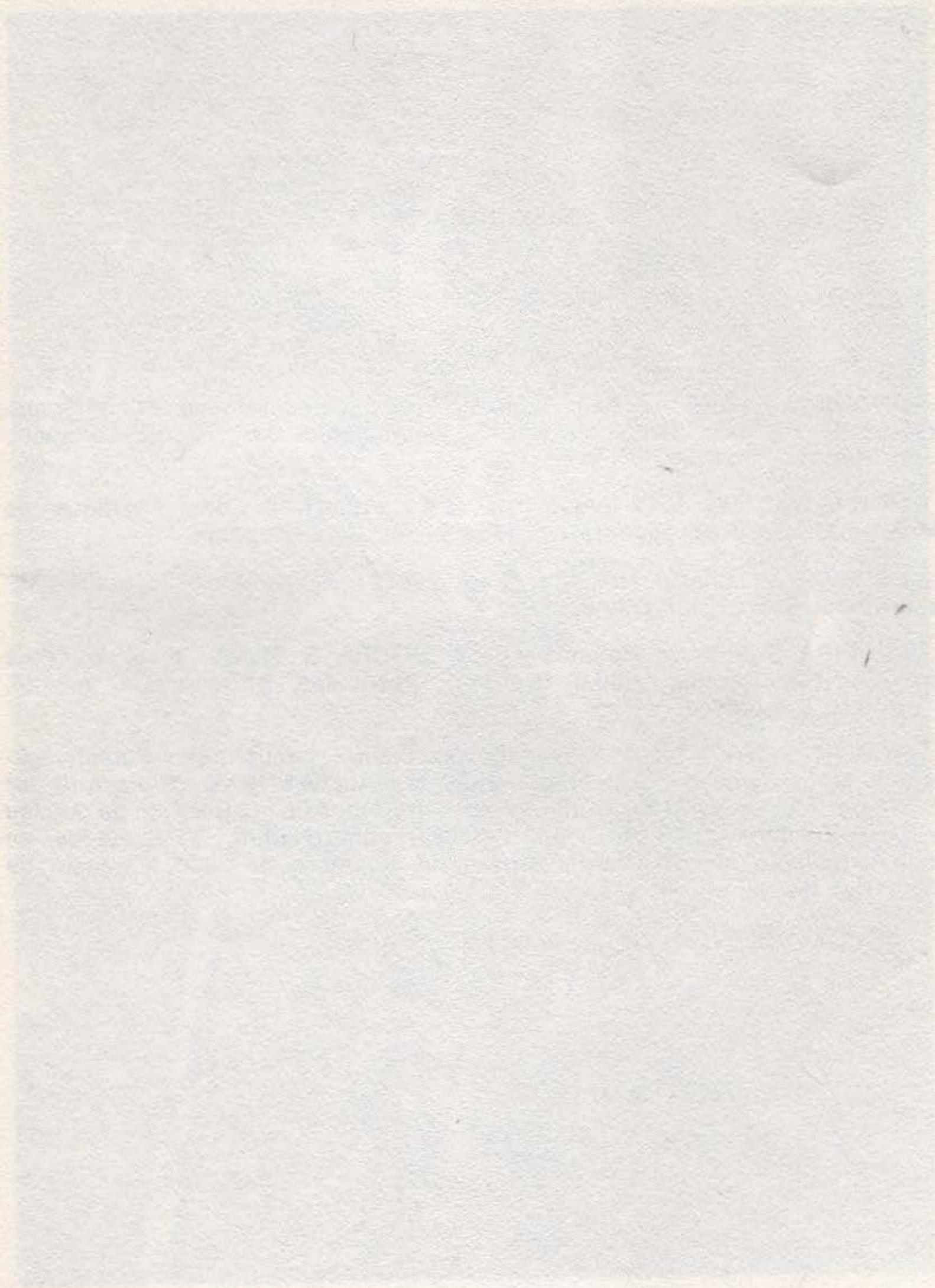
ANÔNIMO (1959) — Sem título (Número comemorativo do 30.º aniversário da Prelazia de Diamantino). *Suplemento de "Vitória Colegial"*, 24 pp. Rio de Janeiro.

DORNSTAUDER, João Evangelista (Pe.) (1955) — Como Pacifiquei os Rikbáktsa. *Pesquisas, História* n.º 17, 190 pp. São Leopoldo.

PEREIRA, Adalberto Holanda (Pe.) (1972) — *Diretório Indígena*. Mimeografado, 9 pp. Diamantino.

PEREIRA, Adalberto Holanda (Pe.); MOURA E SILVA, José de (Pe.) (1975) — História dos Münkü (Iránxe). *Pesquisas, Antropologia*, n.º 28, 40 pp. São Leopoldo.

SCHMIDT, Max (1929) — Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, LX, pp. 85-124. Berlin. Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV-XVII, 1938-1941, pp. 241-285, com o título: "Resultados da minha expedição bienal a Mato Grosso de setembro de 1926 a agosto de 1938". Rio de Janeiro.



ÍNDICE

NOVIDADE DE MISSÃO 7

A ALDEIA ABANDONADA 9

TROCA DE PRESENTES 13

A FALA COM OS MÜNKÜ 20

VISITA DE PRIMEIROS DIAS 28

CAMINHO RECÉM-ABERTO 34

PRIMEIRA NOITE NA ALDEIA 35

FILMAGEM NA ALDEIA 38

TAPURÁ E PAATAÚ 40

TAPURÁ E KAMUNU 45

A MEDIÇÃO PARALISADA 46

ACESSO À ALDEIA PELA PICADA DE MEDIÇÃO 46

ESTRADA À VISTA 48

PERMANÊNCIA NA ALDEIA 48

CONTATOS INDISCRIMINADOS 52

PRIMEIRO SURTO DE GRIPE 53

ALEGRIA IRÁNXE E MÜNKÜ 57

CRISES DE SAÚDE 57

TRÊS MORTES 58

A BUSCA DE SOCORRO 60

UM AVIÃO NA ALDEIA 62

MATII E YALAPOYTASI 64

RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO 65

O ESBULHO DA ALDEIA 67

A QUEIXA-CRIME 69

INTERDIÇÃO DA ÁREA 71

A REINTEGRAÇÃO DE POSSE 72

A ÁREA MEDIDA E DEMARCADA 74

MINORIA ÉTNICA RESPEITADA 80

BIBLIOGRAFIA 83

MAPA

QUADRO GENEALÓGICO 1

QUADRO GENEALÓGICO 2

INDICE

1	MONTE DE MISSAO
2	A ALDEIA ABANDONADA
3	TROCA DE PRESENTE
4	A TALA COM OS MONKUS
5	VISITA DE PRIMEIROS DIAS
6	GASTINHO SEM ABERTO
7	PRIMEIRA NOITE NA ALDEIA
8	PLUMBER NA ALDEIA
9	TAPURA E PATATA
10	TAPURA E KAMUNU
11	A MEDICAO PARALISADA
12	ACESSO A ALDEIA PELA PICADA DE MEDICAO
13	ENTRADA A VISTA
14	PERMANENCIA NA ALDEIA
15	CONTATOS INDICATIVOS
16	PRIMEIRO SURTO DE ZIKA
17	ALDEIA IRANJE E MONKUS
18	CRISE DE SAUDE
19	TRES MORTES
20	A BUSCA DE SOCORRO
21	UM AVIÃO NA ALDEIA
22	MATE E TAPAROYARI
23	RECONHECIMENTO DO TERRITORIO
24	O BOMBUJO DA ALDEIA
25	A QUEIXA CRIME
26	INTERIO DA AREA
27	A REINTEGRAÇÃO DE FOSSE
28	A AREA MEDICA E DEMARCADA
29	ALDEIA ETHICA RESPEITADA
30	PHILOGRAFIA
31	PARA
32	QUANTO GENEALOGICO 1
33	QUANTO GENEALOGICO 2

THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY
540 EAST 57TH STREET, CHICAGO, ILL. 60637

com voz e responsabilidade, sem tutela nem paternalismo, capazes de construir sua própria história. Conseqüentemente, qualquer organismo, religioso ou civil, que considere o Índio ou grupo indígena como propriedade ou objeto de manipulação, atenta contra os direitos fundamentais da população indígena.

ENCARNAÇÃO

4. Seguindo os passos de Cristo, optar seriamente, como pessoas e como Igreja, por uma encarnação realista e comprometida com a vida dos povos indígenas, convivendo com eles, investigando, descobrindo e valorizando, adotando sua cultura e assumindo sua causa, com todas as suas conseqüências; superando as formas de etnocentrismo e colonialismo até o ponto de ser aceito como um deles.

CONSCIENTIZAÇÃO

5. Assumir como nossa tarefa principal trabalhar numa conscientização sistemática:
 - 5.1. para que a Igreja reflita sobre sua aliança com os poderosos, optando real e eficazmente pelos oprimidos e marginalizados;
 - 5.2. para que os povos indígenas conheçam e façam respeitar todos os seus direitos e também para que se informem devidamente dos justos deveres para com outras sociedades;
 - 5.3. para que a sociedade envolvente e, de modo especial o governo caminhem para estruturas sociais mais justas e cristãs.

PASTORAL GLOBAL

6. Conduzir a Pastoral indigenista em nosso País dentro da missão que a Igreja Latino-americana se sente chamada a cumprir no mundo de hoje, de exprimir e encarnar o apelo dos oprimidos e marginalizados, superando nossos individualismos de Igreja e Congregações, e buscando conjuntamente a união e coordenação de todos os esforços por uma ação global libertadora.

Goiânia, Goiás, 27 de junho de 1975"

Com a publicação de "Os índios Münkü — a resistência de um povo", a *Edições Loyola* dá início à coleção *Missão Aberta*, que pretende apresentar experiências vivas do novo trabalho que a Igreja realiza entre as minorias brasileiras, particularmente os indígenas.

OS MODELOS DAS MINORIAS INDÍGENAS AINDA EXISTENTES, DEVEM SER CONHECIDOS E RESPEITADOS NO SEU COMPLEXO CULTURAL PARA SEREM ALTERNATIVAS DE MODELOS NO ATUAL ESFORÇO DE MUDANÇA DA NOSSA SOCIEDADE.

Esta é a tese que o Autor deste livro propõe.

Coleção Missão Aberta

T. de A. Lisboa

ENTRE OS ÍNDIOS MUNKÛ

Loyola